

WLADIMIR OLIVIER

# FLAGRANTES DE ALEGRIA

(POEMAS)

ESPÍRITOS DIVERSOS

Saiba, Irmão, que estes versos  
provieram da espiritualidade!

# ÍNDICE

1. Flagrantes de alegria .....
2. Procedimento .....
3. Alvorecer da consciência .....
4. Conselhos de sofredor .....
5. Lengalenga poética .....
6. Desafio dos versos .....
7. Queixas .....
8. Para almas compreensivas .....
9. Versejar por versejar .....
10. Os bons companheiros .....
11. Leia com amor .....
12. Força de vontade .....
13. Trégua da dor .....
14. Equilibra-te .....
15. Em busca da modéstia .....
16. Ato de contrição .....
17. Arrependido .....
18. O dever nos versos .....
19. Carnaval .....
20. Riso forçado .....
21. Diretrizes .....
22. Fragilidades e superação .....
23. Celeuma .....
24. Voz de um jovem .....
25. Um velho moço .....
26. Simples recomendações .....
27. Saiba direcionar a crítica .....
28. De peito aberto .....
29. Muito obrigado .....
30. No limiar da dor .....
31. Com o médium abatido .....
32. Auto-análise .....

- 33. Criteriosamente .....
- 34. O exemplo de Jesus .....
- 35. Versos rudes .....
- 36. Faça melhor que eu .....

1

## FLAGRANTES DE ALEGRIA

Se chover na minha horta,  
Irei ficar satisfeito:  
Quem bater à minha porta,  
Receberei desse jeito.

Quiseram que minha voz  
Voltasse a ser bem ouvida.  
Doutra feita foi atroz,  
Quando lhe dei minha vida.

Subi o morro depressa:  
Foi assim que despenquei.  
Quando o ardor no peito cessa,  
Essa tristeza é de lei.

Chorei lágrimas sentidas,  
Tracei os rumos da história.  
Com as lições bem sabidas,  
Poderei cantar vitória.

Corri por seca e por meca,  
À procura dessa glória.  
Pulei que nem perereca  
Para me livrar da escória.

Fui ajudado por quem  
Outrora dei pontapés.  
Preciso fazer o bem:  
P'ra cada mal mais de dez.

Vim fazer esta poesia,  
Descarrego desse encosto,  
Mas não vou entrar em fria,  
Pois faço com muito gosto.

Chego a sentir a esperança  
De que o bem logo se alcança,  
Com amor no coração.  
Por isso, vou bem ligeiro,  
Galo arisco no poleiro,  
Desenvolvendo a escansão.

O tempo logo perpassa  
P'ra quem tem bastante graça  
E a traduz em belas rimas.  
Se sofrer ao fazer versos,  
São sentimentos perversos,  
Incongruência de climas.

Atiro, às vezes, no escuro,  
Mas p'ra valer, isto eu juro,  
Querendo que dê bem certo.  
O meu amigo escrevente  
Parece até que presente  
Que desejo ser esperto...

Entretanto, um bom sexteto  
Exige não seja preto  
O sentimento da rima.  
As cores do *arco-baleno*  
Vão dar o tom mais sereno  
À bonança deste clima.

O seu ar preocupado  
Repercute deste lado:  
Eu fico de orelha em pé.  
Ao buscar o dicionário,  
Desejo ser milionário:  
Nas palavras boto fé.

Mas não fiquei satisfeito,  
Já que não pude dar jeito  
À rima daquele arco.  
Noutro dia, voltarei  
P'ra seguir da terra a lei:  
Hoje o verso é só um marco.

Falaremos do futuro,  
Estando por trás do muro  
Que circunda o cemitério.  
Dessa forma é muito fácil  
Ser ainda bem mais grácil,  
Com assunto mais que sério.

Falaremos sem nuanças  
Das nossas pobres andanças  
Pela Terra, sem destino.  
Sopitaremos tristezas,  
Salpicaremos belezas,  
Cantaremos doce hino.

As mais nobres harmonias  
Caberão nestas poesias,  
Que a vida é bem de raiz.  
Em nome de Jesus Cristo,  
Cada sofrer é benquisto,  
Pela sua diretriz.

Quem carrega sua cruz  
Acrescenta muita luz  
E esplendor em sua aura.

Em nome do Salvador,  
Esparjamos muito amor,  
No processo que se instaura.

Acredito que terei,  
Junto à gente desta grei,  
Satisfações e sorrisos.  
Sendo assim, vou dando o fora,  
Por saber que já é hora:  
Ninguém sofre em paraísos.

Quero dizer o meu nome,  
Que já teve até renome  
Durante um encarne meu.  
Não foi nada grandioso,  
Mas até que foi gostoso  
Ser o Zequinha de Abreu.

Não se espante o caro irmão,  
Se não trouxe uma canção  
Que reviva os velhos temas.  
É que, nas plagas daqui,  
Os tico-ticos daí  
Espalham outros problemas.

Mas sobrou o velho dom  
De julgar que seja bom  
Tudo o que dê alegria.  
Volto um pouco jururu,  
Pois viver só de sagu  
É borregar n'água fria.

Vou partir que esta saudade  
Aos pouquinhos já me invade,  
Deixando minh'alma triste.  
São flagrantes de alegria  
Que coloquei em poesia,  
Pois o Zeca aqui existe.

2

## PROCEDIMENTO

Na hora da despedida,  
Saí contente da vida,  
Agradecendo ao Senhor,  
Pelos bens e pelos males,  
Pois, das lágrimas nos vales,  
Compreendi o que é o amor.

Vaguei um tanto no Umbral,  
Resgatando cada mal,  
Pelos dores conscienciais,  
Mas surti para esta luz,  
Trazendo impresso na cruz:  
*Fazer o mal, nunca mais!*

Aprendi minha lição,  
Que trago agora ao irmão  
Que me lê com interesse.  
Se ficar bastante atento,  
Perceberá, num momento,  
Se o seu mal será bem esse.

Visite algum cemitério,  
Mas mantenha o cenho sério,  
Perante as artes da morte,  
Pois o sofrimento alheio  
Só nos parece mais feio,

Se tivermos melhor sorte.

Procure ler nos escritos  
Dos sentimentos os gritos,  
Nas agruras dessa dor.  
Imagine o pobre irmão  
Depositando no chão  
Os frutos do seu amor.

Conte os passos para fora:  
Serão tantos quanto chora  
Quem no Senhor não quis crer.  
Mas não tema o compromisso  
De prestar um bom serviço,  
Orando além do dever.

Procure, após, um abrigo,  
Podendo contar comigo  
Para o que der e vier.  
Chore mágoas bem sentidas,  
Mas saiba que são vertidas  
Até quando Deus quiser.

— *Misericórdia, Senhor!* —  
Rezaré com muito ardor,  
Solicitando o perdão,  
Prometendo, com desvelo,  
Nunca mais comprometê-lo,  
Por falsear a missão.

Sentirá um forte abalo.  
Correrei para ajudá-lo,  
Estendendo a minha mão.  
Falaremos do infinito,  
Calaremos nosso grito  
Nos imos do coração.

Poremos fé no futuro,

Derrubaremos o muro,  
Falaremos do porvir.  
Egoísmo revelado,  
As ânsias postas de lado,  
Voltaremos a sorrir.

Correremos alguns riscos  
(Quando chove, há coriscos,  
Mas, no final, há fartura).  
Superaremos problemas,  
Traçando justos esquemas,  
Buscando o bem que mais dura.

Eu quero agora sentir  
Se o compadre Wladimir  
Vestiu a tal carapuça.  
Pelo jeito, quer reler  
Para dar seu parecer,  
Pois a verdade ele fuça.

Está certo, companheiro,  
Não queira ser o primeiro,  
Quando um fantasma o convida.  
Fique logo prevenido,  
Aguçando o seu ouvido,  
E analise a sua vida.

Veja o bem que praticou,  
Sinta o que mais lhe sobrou  
Das virtudes evangélicas.  
Aplique com energia  
— Como sei que bem faria —,  
As regras das artes bélicas.

Disciplina, sobretudo.  
E muito engenho no estudo  
Das normas do Espiritismo.  
Com atenção permanente,

P'ra poder lutar de frente  
Contra as forças do ocultismo.

Dar a Kardec um bom crédito,  
Que leu de Deus o seu édito,  
Pelas leis universais.  
Julgando a dor de Jesus,  
Escreva na sua cruz:  
*Errar tanto, nunca mais!*

Você quer que escreva um nome,  
Mas não vai ter o renome  
Do Zeca que aqui esteve.  
Trata-se só do João,  
Que prestigiou seu irmão,  
Pelo amor que ele lhe teve.

### 3

## ALVORECER DA CONSCIÊNCIA

Correndo grandes perigos,  
Vim visitar os amigos,  
Desde as trevas mais profundas.  
É que a luz hoje me cega,  
Como quem sai desta adega,  
Tendo levado umas tundas.

Aceitei o compromisso  
De vir prestar o serviço  
Do testemunho perverso.  
Se brilhar o sentimento,  
Se trabalhar a contento,  
Vão ouvir este meu verso.

Estou muito enferrujado:  
Não pratiquei deste lado,  
Não me saem logo as ideias.  
Por isso, peço paciência,  
Que os tratos desta ciência  
Vão causar-me dispneias.

Fui um fraco nessa vida,  
Dando aos vícios tal guarida  
Que inda estou tonto deveras.  
Mas é tanta a disciplina

Que o povo daqui me ensina  
Que são poucas as esperas.

Pretendo deitar saber,  
Tendo pouco que dizer  
Para ser original.  
Se não fosse este escrevente,  
Seria pobre indigente,  
Peteca nas mãos do mal.

E o povo destas esferas  
Não aceita tais *paqueras*  
Com o médium que me serve;  
Quer que vá direto ao ponto,  
Não aceitando o desconto  
Dum pouquinho desta verve.

Não quero ser nada injusto,  
Porque seria outro o custo,  
Se me desse por inteiro.  
É que a turma do agasalho  
Sabe bem que o seu trabalho  
É manter-me prisioneiro.

Veja como ardo de fome,  
Que esta crise me consome,  
Que o verso é um favo de mel.  
Se me deixarem sozinho,  
Não farei qualquer carinho:  
Beberei todo o tonel.

Dei as *dicas* do meu crime:  
Quem é bom jamais se exime  
De prestar um bom serviço.  
Diante deste equilíbrio,  
Hão de pensar ser ludíbrico  
Ou falsidade o meu viço.

Realmente, tenho fé  
Em saber como é que é  
Esta tal felicidade.  
Estudando com vigor,  
Quero sentir o valor,  
A força da caridade.

Vou parar para pensar  
Se estou indo *devagar*,  
No sentido figurado.  
É que sinto a propensão  
De sustar esta escansão  
Por estar amargurado.

É que senti o desejo  
De estalar um terno beijo  
Nas faces dos meus amigos,  
Agradecendo, feliz,  
A tão nobre diretriz  
Que me livrou dos perigos.

Antes de ir, devo agora  
Demonstrar que inda vigora  
A lei do agradecimento.  
É que Jesus me deu força,  
Que é justo que o povo torça  
P'ra dar certo este momento.

Pai do Céu, eu mais preciso  
Que se acerte o meu juízo  
Nas palavras deste adeus.  
É que eu fui feliz no grupo,  
Sem receber um apupo;  
Vivas, sim — graças a Deus!

Pergunta o nosso escrevente  
Como é que o pobre sente  
As delícias desta hora.

Pois vou dizer-lhe com gosto  
Que, deixando o nobre posto,  
Meu coração muito chora.

Fazer versos neste clima,  
Não falseando uma rima,  
Será prática perfeita.  
Esquecimento das dores,  
Pela mão dos benfeitores,  
É sentir minh'alma eleita.

Todos querem dar apoio,  
Separar trigo do joio,  
Na hora desta missão.  
Mas cabe ao irmão leitor  
Aceitar que houve amor  
Neste rude coração.

Entendi. Neste momento,  
Surgiu, no meu pensamento,  
Que me encontro mergulhado  
Nas águas tristes do orgulho,  
Poluída pelo entulho  
Do egoísmo malfadado.

Se eu falar menos de mim,  
Saberei que ser ruim  
É grossa perversidade.  
Nada tinha p'ra dizer,  
Mas busquei o bem-querer  
De toda a comunidade.

Veja que esta crise choca  
Quem tem vezos de minhoca,  
Mas se pôs em pleno dia,  
Querendo dar de *bacana*,  
Para saber quem se irmana,  
Nas ondas desta harmonia.

Sinto que se cansa o médium,  
Mas prossegue — que remédio! —  
Neste trem desgovernado,  
Que corre por sobre trilho  
Que permite um estribilho  
Próprio para um bom recado.

Falso princípio de trégua,  
Aplico bem esta régua  
Para medir a espessura  
Das forças que se diluem,  
Nas águas que se poluem  
Com restos de sepultura.

Deram-me a tal liberdade  
P'ra mostrar a qualidade  
Dos versos que eu mal faria.  
Dei logo co'os burros n'água,  
Acrescentando mais mágoa  
À tristeza da poesia.

Atividade que cessa,  
O despertar vem depressa:  
Chamo o médium mais um pouco.  
Saiba agora o meu amigo  
Que pode contar comigo,  
Se precisar de algum louco...

Não pretende ele encerrar,  
Deixando um *papo* no ar,  
Sem sentido *p'ra cachorro*.  
Quer que seja bem sincero,  
Fazendo ver que eu espero  
Deste grupo um bom socorro.

A arte de versejar  
Pode ir mais devagar,

Segundo um ponto de vista  
Que julga mais importante  
A formação do estudante  
Que deseja ser artista.

Neste caso, eu me retiro,  
Pois estudar eu prefiro,  
Para volver mais elétrico,  
Que os temas que hoje eu verso  
Mostram quanto sou perverso,  
Neste penar mais que tétrico.

Meus gracejos são só troça,  
Indícios que o bem se esboça  
No alvorecer da consciência.  
Aos mestres, clamo, com gosto,  
Que, ao deixar este meu posto,  
Faço valer a obediência.

Uma palavra ao leitor  
Deixo aqui, com muito amor,  
Neste final de poesia:  
Leve o fardo até o fim;  
Se o fizer pensando em mim,  
Há de ter só alegria...

## 4

### CONSELHOS DE SOFREDOR

Antegozando o desfecho,  
Vou compondo o meu entrecho,  
Com toda a satisfação.  
Não tenho medo do escuro,  
Mas voltar p'ra lá — eu juro —,  
Só por força de missão.

Tenho tido bom cuidado  
Em trazer tudo acertado  
Pelas regras superiores.  
Cumpro os deveres na hora,  
Faço tudo sem demora:  
Tenho medo de outras dores.

Mas o temor é lorota  
Que a coragem logo brota:  
Basta rezar uma prece.  
Sentimento aliviado,  
Do Senhor abençoado,  
É a fé que sempre cresce.

Recomendo aos bons amigos  
Que se evitem os perigos  
Dos desafios egoístas.

Em paz, ao levar a vida,  
O progresso nos convida  
Para sermos altruístas.

Mas nem tudo está perdido,  
Mesmo quando resolvido  
Pela forma mais cruel.  
É que Deus, em sua bênção,  
Quer que os filhos todos vençam:  
É sopa a cair no mel.

Sentir a vida pregressa  
É saber que, bem depressa,  
Os nós vão chegando ao pente.  
A memória é coisa boa,  
Sabendo que o tempo voa,  
Tendo mais tempo na frente.

Tal pensamento, no etéreo,  
Parece ser muito sério,  
Ao contrário dos mortais,  
Que querem tudo gozar,  
Renegando o devagar,  
Sempre desejando mais.

O organismo então baqueia,  
A doença é muito feia,  
Põe a pessoa de cama.  
É convite ao pensamento,  
Diante do passamento,  
Que seus direitos reclama.

Nunca é tarde p'ro arrepio,  
Até quando existe um fio  
De esperança de curar,  
Não o corpo e, sim, a alma,  
Se se pensar com mais calma  
Na doutrina basilar.

Quem chega aqui de repente,  
Muitas vezes, não se sente  
Com vontade de entender  
Que tudo o que fez na vida  
Não lhe indicou a saída  
Pelas portas do morrer.

Pensa estar bem vivo ainda,  
Pois tal sensação não finda,  
Se a matéria for primeira.  
Aí, vai ter o trabalho  
De rever o ponto falho,  
Mesmo até caso não queira.

Se tiver alguns amigos  
A remover os perigos  
De desastre consciencial,  
Dar-se-á por mui feliz,  
Escapando, por um triz,  
De pagar logo o seu mal.

Caso a luta seja intensa  
Para firmar bem a crença  
Da situação do existir,  
Há de receber apoio,  
Engajado num comboio  
Que p'ra Terra vai seguir.

É num centro de socorro  
Que dirá: — *Agora eu morro,*  
*Se souber que já morri!*  
A situação é precária,  
Embora pareça *hilária*  
Para esta turma daqui.

Mediunidade evangélica,  
Nesta ação psicodélica,

É norma dos benfeitores.  
Tinha medo de fantasma,  
Mas percebe que não pasma:  
São outras daqui as cores.

Compreenderá que morreu  
E dirá que o mundo seu  
Há de ter outra feição.  
Mas vão dando-lhe o remédio,  
Demonstrando pelo médium  
Qual será a salvação.

Se tiver amor no peito,  
Mesmo pouco, leva jeito  
Para os serviços da turma.  
Se estiver comprometido  
Com o mal, vai ser contido:  
É preferível que durma.

Enfim, são muitas as formas,  
Variadíssimas as normas  
De atender o sofredor.  
Em caso de desespero,  
Se odiar em exagero,  
Cai no mundo inferior.

Aí, vai sofrer horrores,  
Bem longe dos benfeitores,  
Até chegar a entender  
Que tudo o que fez na vida  
Não lhe indicou a saída  
Pelas portas do morrer.

Eis o recado que temos  
Para os instantes supremos  
Do meditar sobre a vida.  
Faça uma breve oração,  
Peça a Deus o seu perdão,

Sinta que a morte o convida.

Sempre há tempo para o bem,  
Quando o corpo um sopro tem  
De esperança de socorro,  
Pois quem veio um pouco antes  
Quer ouvir dos semelhantes:  
— *Não me importo, se hoje eu morro!*

Vai começar a sessão,  
No pontinho em que este irmão  
Chegou para o seu recado.  
Tendo escrito todo o entrecho,  
Chego agora ao bom desfecho,  
Que já foi antegozado...

## 5

### LENGALENGA POÉTICA

Palmilhando com amor  
As estradas de Jesus,  
O homem tem mais valor,  
O mundo terá mais luz.

Se quisermos compreender  
As razões para o trabalho,  
Abramos mão do poder,  
Sendo simples espantalho.

Para os atletas da fé  
Que se zangam muito à toa,  
Vamos mostrar como é  
Que o bem noss'alma coroa.

Quem quiser ter coração  
Cheio de felicidade,  
Vá dedicando ao irmão  
O melhor da caridade.

Se tivermos um segredo  
Para não dizer ao Pai,  
É bom não ficar com medo,  
Que o fato mais sobressai.

Regalias na matéria  
É compromisso dobrado:  
Quanto mais a coisa é séria,  
Mais é ficar preocupado.

Serenamente, eu procuro  
Ir fazendo os versos meus;  
Se algum se der muito puro,  
Irei dar graças a Deus.

As ações mais deletérias  
Hão de ser pagas com juro:  
Ninguém irá gozar férias  
Passeando nos escuros.

Releia a primeira estrofe  
Para voltar a sorrir;  
Não deixe que a mente mofe  
Aguardando o devenir.

Com Jesus no coração,  
As coisas sempre dão certo:  
É que a tudo dá perdão  
Quem age de peito aberto.

As contas são todas pagas,  
Basta esperar o momento:  
No final, todas as sagas  
Terminam no pensamento.

O bem com o bem se paga;  
O mal se paga com bem;  
Quando o rio a várzea alaga,  
As plantas crescem também.

Este é o princípio da vida,  
Fácil de reconhecer:  
A natureza convida

Que se cumpra o bom dever.

Faço versos de improviso,  
Mas as ideias vêm antes;  
Querendo ter mais juízo,  
Incentivo os semelhantes.

Mas trabalho com denodo  
Nas quadrinhas com sentido:  
Uma só demonstra o todo,  
Se o tempo não for perdido.

Tenho a moral aguçada,  
O que me traz preocupado:  
É melhor pensar em nada,  
Sem deixar nada de lado.

Às vezes, falo por gestos  
Para as pessoas da roda.  
Os textos serão honestos,  
Se seguirem a tal moda.

Ponho em xeque este escrevente  
Com rimas mui complicadas,  
Mas percebo que ele sente  
As coisas melhor paradas.

Um problema perigoso  
É dar trela ao pensamento  
De que sempre é mais gostoso  
Quando o verso sai mais lento.

É que o caro amigo aí  
Pensa que é ele quem faz  
O verso que vem daqui,  
Neste ambiente de paz.

Sacudimos a cabeça,

Em sinal de negativa;  
Antes que você se esqueça,  
Pense em nossa tratativa.

Eis o gesto revelado,  
Como eu disse mais acima;  
Mas, se eu ficasse calado,  
Dar-me-ia ele a rima?

Vou responder bem que sim,  
Que ele chega sempre junto.  
— *Isso é bom ou é ruim?*  
Depende de cada assunto.

Para ser original,  
Tenho de ditar depressa,  
Parecendo bem normal  
A linha que sai impressa.

Falar da própria poesia  
É vezo do pessoal:  
É pouca a sabedoria;  
É um bom punhado de cal...

Mas serve de treinamento,  
Pois nem tudo está perdido.  
Se causei um sofrimento,  
Sofri mais — mas eu duvido...

Fazer graça também corre  
Pelas tendências da turma.  
Mas, depois de cada porre,  
É natural que se durma.

Os louros desta vitória  
Vão coroar nossa glória  
Nesta paisagem do etéreo.  
Cá, se houvesse academia,

Os que fazem tal poesia  
lam para o cemitério.

Neste jogo de palavras,  
Impróprio para estas lavras,  
Quis falar dos imortais,  
Mas fui dar co'os burros n'água,  
Aumentando a minha mágoa,  
Pois desejo muito mais.

Engrenei uma segunda,  
O meu verso já abunda,  
As palavras jorram soltas.  
Mas são chorrilhos de asneiras:  
Vou voltar para as primeiras,  
Que foram mais desenvoltas.

Engrenei a quinta marcha.  
Nesta altura, ou vai ou racha:  
É veloz a disparada.  
Abalroei minha vida;  
A viagem foi perdida;  
Quis ser grande, hoje sou nada...

A turma se desconsola:  
O meu carro mais se atola  
Nestas confusões que faço.  
Mas percebo, finalmente,  
Que a tendência desta mente  
É correr p'ro seu regaço.

Nas tristes horas do dia,  
Não sou capaz de poesia,  
Pois choro as falhas de outrora.  
Mas vibro, com muito orgulho,  
Quando dou o meu mergulho  
Nos versos que dito agora.

Não é sempre que o esquecer  
Demonstra que o meu poder  
Se exerce sobre o sentir:  
Ao fazer a melodia,  
Tenho ainda a alma fria,  
Prevendo um mau devenir.

As coisas de antigamente  
Se postam na minha frente,  
Sejam boas, sejam más.  
Se ruins eu sofro mais.  
As reações são iguais,  
Se o pensamento é de paz.

Quero dar o tônus certo  
Que ser bamba é ser esperto,  
Com justiça e com verdade.  
Não queira iludir ninguém  
Demonstrando querer bem:  
Enganar não há quem há-de.

Eis aí que já revelo  
As ânsias daquele anelo  
Que quis esconder do Pai.  
Aos poucos, mostrei a alma,  
Sem perder a minha calma,  
Que a verdade sobressai.

O bom exemplo que dei  
Se conforma com a lei,  
Que nada fica escondido.  
Revelei a todo o povo  
Que não quero ser de novo  
Acusado de bandido.

Comecei tão devagar,  
Mas atravessei o mar  
Nas tormentas destes versos.

Peço a Deus que, finalmente,  
Me permita que eu intente  
Deixá-los menos perversos.

Exulta o meu pobre amigo,  
Pensando, com seu umbigo,  
Que esta tarde está bem ganha.  
Mal sabe ele que o dia  
Foi perdido p'ra poesia,  
Que esta mente é bem tacanha.

Já demonstrei que a tendência  
É de pedir-lhes clemência,  
Pelo disfarce dos temas.  
Quero-me regenerado,  
Porém, não ponho de lado  
O principal dos problemas.

Acenam que está na hora  
De partir, sem mais demora,  
Que a lengalenga acabou.  
Sinto que tenha de ser  
Tão fraquinho este poder  
Que representa o que sou.

Peço perdão ao amigo,  
Agradeço-lhe o abrigo  
E o calor deste agasalho.  
E vou rogar ao Senhor  
Que demonstre o seu amor,  
Dando-nos bem mais trabalho.

Ao terminar o poema,  
Não quero que seja extrema  
Qualquer ideia de mim:  
Pensem só que estou passando,  
Com o meu lenço acenando,  
Pois não sou bom nem ruim.

## 6

### DESAFIO DOS VERSOS

A turminha aqui presente  
Vem dizer que muito sente  
Não ter nada p'ra ditar,  
Que aceitou o desafio  
Apenas porque tem brio;  
Em seguida vai parar.

Insiste o nosso escrevente,  
Diz que tem o sangue quente,  
Que parar é desatino;  
Quer que seja aproveitado  
O tempo que nos é dado  
Para cumprir o destino.

Sabemos que a luta agora  
Há de ser o bota-fora,  
Que os versos se vão fazendo.  
O entusiasmo inda mais cresce,  
Se o rimar não aborrece,  
Revelando-se estupendo.

Preparamos uns poetas  
P'ra disparar suas setas,  
Em algum momento certo;

Erramos em nossas contas,  
Não estando as rimas prontas,  
Neste momento tão perto.

Improvisar é preciso  
Mas deixamos nosso aviso  
P'ra que se saiba quem somos.  
Sendo assim, nosso escrevente  
Vai confiar mais na gente,  
Pelos versos que dispomos.

Quem quiser vir conferir  
Não agora, no porvir,  
Será bem-vindo, na certa.  
Traga o coração bem cheio  
De coragem, sem receio  
De deixar a porta aberta.

Teremos muito prazer  
Por tê-los de receber,  
Porque tal é o nosso fim.  
Dando vazão a este verso,  
Cremos seja incontroverso  
Que a turma não é ruim.

Se algum temor os impede,  
Se a teimosia não cede,  
Se julgarem algo falso,  
Vão ter tempo p'ra pensar,  
Pois tudo vem devagar,  
P'ra quem desce o cadafalso...

A tal figura é canhestra,  
Mas é como a chave mestra  
Do pensamento na vida:  
É que a morte é bem supremo,  
Embora esteja no extremo  
Do suportar dessa lida.

Bem dissemos que seria  
Difícilima a poesia  
Nesta tarde de improviso.  
Se o nosso amigo na Terra  
Sentir que o verso se encerra,  
Mostre que tem muito siso.

Faça a prece e vá embora.  
Faça-o já, sem mais demora,  
Antes que tudo desande;  
Peça a Deus, com humildade,  
Manter-lhe a mediunidade:  
Nossa fé é muito grande.

Senhor Deus, lá do infinito  
Ouve o povo mais aflito,  
Pois nossa dor é bem pouca;  
Sabe que fazer tal verso  
Reúne o povo disperso,  
Posto a voz esteja rouca.

Queridíssimo Jesus,  
Recebe quem se conduz  
Pelas normas do evangelho;  
Se alguém aqui deste povo  
Se conduzir mal de novo,  
É que o pensamento é velho.

Melhorar é renovar  
As virtudes do pensar  
Pelas leis e mandamentos;  
Ficar parado na esquina,  
Vendo passar a Doutrina,  
É causa de grãos tormentos.

Queiram, pois, nossos leitores  
Perceber que as tantas dores

Que os sacrifícios conduzem  
São apenas medos tolos,  
Que os bens nós devemos pô-los  
Nalguns versos que reluzem.

Vamos terminar por ora,  
Que o mal aqui só vigora  
Quando é demais nosso zelo;  
Os excessos prejudicam,  
As pobres rimas claudicam,  
Nem precisamos dizê-lo.

## 7

### QUEIXAS

Minhas queixas deste dia  
Hão de caber na poesia,  
Por não me sentir falido.  
Não quero apressar o moço,  
Mas preciso desse endosso,  
Para me fazer querido.

Tenho a pele muito escura,  
Como qualquer criatura  
Destinada ao rude Umbral.  
Aura branca e mui faceira  
É sinal que a brincadeira  
Já terminou com o mal.

As asas servem de ganho  
Das alturas, mas estranho  
As vertigens acrofóbicas.  
É que corro sobre a terra,  
Sentindo que a mente erra  
Pelas pressões anaeróbicas.

Sinto muito, caro amigo:  
Não vá brigar mais comigo  
Pela imperfeição da rima.  
Quem veio para queixar-se  
Precisa dessa catarse,

Pelo pessoal que o estima.

Não sei dizer não ao tema.  
É por isso que o problema  
Se põe diante de mim.  
Mas vem logo a solução,  
Pois trago, em meu coração,  
Algo que a ele dá fim.

É a fé nos protetores,  
Que não suportam as dores  
Dos pupilos mais queridos.  
São socorristas perfeitos,  
Que desejam ver eleitos  
Até mesmo os desabridos.

Ansiedade é velho tema  
Que afronta também o lema  
Do *conhece-te a ti mesmo*,  
Pois é tão grande o absurdo  
Que, ao pensar, até me aturdo  
Por escrever tão a esmo.

Vim aqui para queixar-me,  
Mas provoquei o desarme  
Das suspeitas do rapaz.  
Fiz a coisa tão perfeita  
Que, ao saber a porta estreita,  
Ninguém pôde sentir paz.

Os anos de desafio  
Foram p'ra testar se o brio  
Mexia com minha alma,  
Mas pus-me de sobreaviso,  
Pensando ter muito siso,  
Se me mantivesse em calma.

A solução era essa,

Se não fosse tanta a pressa  
De subir ao Paraíso.  
Percebi que a desventura  
Era crer que a criatura  
Estava em pleno juízo.

Mas disfarçava o meu vício,  
Tendo medo do cilício  
Que me conteria a sanha.  
Pensava que a liberdade  
Era fruto da bondade,  
Que a peleja estava ganha.

Quem é bom mais vive preso,  
Pois sente forte desprezo  
Pelas falácias da mente.  
Ao cumprir todas as leis,  
Sejam serviçais ou reis,  
Sempre mais amor se sente.

Quem ama o Pai no infinito  
Contém logo qualquer grito  
Que demonstre imperfeição.  
Ao se conter de verdade,  
Mostra que a tal liberdade  
É mui falsa aspiração.

Se o Senhor nos agarrasse,  
Haveria quem folgasse  
De se ver livre no mundo?  
Tal liberdade é falácia  
Ou é mera contumácia  
De quem não pensa profundo.

As dores que agora sinto,  
— Eu bem sei — é porque minto,  
Ao mostrar sabedoria.  
Quem conhece de verdade

Fala com mais propriedade  
E compõe melhor poesia.

Ao final, me queixo agora  
De ser mui longa a demora  
De aprender todas as leis,  
Pois só sabê-las de cor  
Talvez seja até pior:  
Quem é bom é porque fez.

Liberdade na poesia  
Não quer dizer que faria  
Algum verso pernicioso.  
É que nem todas as rimas  
Permitem-nos obras-primas  
Nem provocam nobre gozo.

Eis que o escrevente se queixa  
E prosseguir não me deixa  
Neste ritmo perverso.  
Quer que os mestres desta escola  
Façam ver-me que decola  
Para o espaço este meu verso.

Mas, tendo medo de altura,  
A poesia já não dura:  
Vou interromper aqui,  
Pensando em agradecer  
A quem cumpre seu dever  
Traduzindo o que eu senti.

Ao Deus—Pai, lá no infinito,  
Faço o verso mais bonito,  
Pois meu pranto jorra forte.  
Tantas as imperfeições  
Afligindo os corações  
Que esta prece é minha sorte.

## 8

### PARA ALMAS COMPREENSIVAS

Com amor no coração,  
O homem é mais feliz.  
Se nos der a sua mão,  
Há de ser bem de raiz.

Quem sair p'ro desespero,  
Na dura luta da vida,  
Vai sofrer um exagero,  
Sem terminar sua lida.

Angústias postas de lado,  
Beneplácito de Deus,  
É a paz para o soldado,  
Do sofrimento o adeus.

Não queira vestir batina  
Nas hostes do Espiritismo:  
É na pia de batismo  
Que se perde a sã Doutrina.

Sendo a fé raciocinada,  
As crianças são de amar:  
Se alguma for batizada,  
Só do sal não vai gostar.

As pessoas do convívio  
É que são supersticiosas.  
Se sentirem bom alívio,  
Vão julgar-se vitoriosas.

Já não temos ilusões  
Nestes conselhos que damos:  
Benfeitor com pretensões  
Só produz uns maus reclamos.

Por isso, meu caro amigo,  
Fuja agora do perigo  
Da tentação ao convite.  
Deixe o mau pagar seu preço,  
Pois é bem certo o endereço:  
Não é possível que evite.

Se quiser seguir conselhos,  
Há de ler os ***Evangéhos***,  
Onde tudo está descrito.  
Se não for muito teimoso,  
Sentirá bem doce o gozo,  
Ao tornar-se mais bonito.

As rosas do meu jardim  
Só sorriem para mim,  
Se lhes dou boa acolhida.  
Da mesma forma a bondade  
Vai firmar a caridade,  
Que é isso que quer a vida.

Se eu tivesse mais sossego,  
Firmaria um bom apego,  
Iria curtir o eterno.  
Do jeito que desafino,  
Nas ânsias do desatino,  
Não vou sair deste inferno.

As luzes que tenho agora  
Apagar-se-ão na hora  
De voltar para o mistério.  
Peço, então, aos circunstantes  
Que me guardem uns instantes,  
Pois seu trabalho é bem sério.

Ao apelar para Deus,  
Não pense nos ódios seus,  
Mas na luz que o ilumina.  
Assim Jesus irá ver,  
Por força do seu dever,  
Que já cumpre a sua sina.

Qualquer prece é bem-vinda,  
Qualquer alma será linda,  
Se fizer o bem possível.  
É que o esforço permanente  
De tornar feliz a gente  
Torna o amor inesquecível.

Atenuar os horrores  
A quem sente muitas dores  
Produz bens imarcescíveis.  
Não se sinta atropelado  
Por cumprir um triste fado:  
Os lucros serão visíveis.

Tenho lido as experiências  
De algumas tristes falências,  
Até mesmo nestes versos.  
É que tenho a alma escura,  
Como toda criatura  
Que só fez atos perversos.

Venho agora à luz do dia,  
Revelando na poesia  
A formosura da rima,

Mas estou envergonhado  
Por estar sendo ajudado  
Por esta gente de cima.

Quisera poder ouvir  
Do escrevente Wladimir  
Que também tenho talento.  
Mas o mais que diz a mim  
É que espera logo o fim,  
Que o meu passo é que está lento.

Ajudou-me ele a brincar,  
Quem sabe p'ra melhorar  
O bom humor desta gente,  
Pois ouvir um sofredor  
É penar a mesma dor,  
Nas lembranças que se sente.

Gostaria de dizer  
Ser mui grande o bem-querer  
Que estou sentindo por todos.  
Mas não de saber, decerto,  
Que não trago o peito aberto,  
Atolado nestes lodos.

Qualquer coisa que diria,  
Nesta forma de poesia,  
Provocaria suspeita,  
Pois, das trevas deste Umbral,  
Só há de surtir o mal,  
Sendo a rima a mais perfeita.

Portanto, caro amiguinho,  
Leia os versos com carinho,  
Rezando uma prece linda,  
Que eu preciso de socorro,  
Senão despenco do morro,  
Indo bem mais fundo ainda.

Os sentimentos são tantos,  
São tantos os desencantos,  
Que a virtude fica ao longe.  
Mas, se houver boa vontade,  
Impedir não há quem há-de  
Que alguma fé me *lisonje*.

Desta forma, eu já termino,  
Exaltando, neste hino,  
O amor que aqui encontrei,  
Não só do nobre escrevente,  
Mas de toda a boa gente  
Que me fez sentir ser rei.

Só me faz falta a coragem  
De encerrar esta mensagem  
Agradecendo ao Senhor.  
É que tenho o impedimento  
De labutar no tormento  
De me saber sem amor.

Agradeço, comovido  
— Deste jeito, eu não duvido  
De que vou obter sucesso —,  
Dizendo tão simplesmente:  
— *Obrigado, minha gente;*  
*Compreensão é o que lhes peço.*

Desejo ser bem honesto,  
P'ra demonstrar que não presto,  
Mas pretendo melhorar.  
Se o juramento valesse,  
Sei que seria bem esse  
O final que iria dar.

## 9

### VERSEJAR POR VERSEJAR

Não se aborreça o amigo,  
Se enfrentar algum perigo  
Nesta volta da poesia.  
Tome fôlego na entrada,  
Neste início de jornada,  
Que terá grande alegria.

Entrementes, vamos indo  
A tornar muito mais lindo  
O nosso verso mais sério.  
Se tivermos mais coragem,  
Vamos pôr nesta mensagem  
Um pouquinho do mistério.

Antes que o cansaço venha,  
Vamos pedir que mantenha  
Sua atenção bem desperta,  
Que o resultado de tudo  
Vai mostrar, no conteúdo,  
Nossa mente mais aberta.

Ao sair pela tangente,  
O pessoal daqui sente  
Que o verso não foi bem feito.  
Ao enfrentar o perigo,

Saindo do nosso abrigo,  
A escansão toma mais jeito.

Quem quiser que só repare  
Que o comboio sai da gare  
Dos mesmos versos perversos,  
Correndo no mesmo trilho  
Do mais fácil estribilho,  
Mesmo com temas diversos.

A arte de versejar  
Quer que se vá devagar,  
Na contagem deste metro.  
E que se prepare a rima  
Envolta sempre no clima,  
Sem mudar nada do espetro.

Mas tenho medo que um dia,  
Ao trazer minha poesia,  
Encontre tudo mudado:  
As rimas cheias de engulhos,  
As escansões com entulhos,  
O conteúdo baldado.

Aí é que se vai ver  
Ser difícil o dever  
P'ra quem desleixou o estudo,  
Pois falar sobre Kardec,  
Sem fazer salamaleque,  
Exige amor, sobretudo.

Quem requer só bem-querer,  
Pensando que tem poder  
Porque leu os ***Evangélicos***,  
Vai ver que o Mestre Jesus  
Carregou a sua cruz  
Pelo poder de alguns velhos.

Ao seguir os bons ensinamentos,  
Havemos de cantar hinos  
Agradecendo o Senhor;  
Mas, depois de muita luta,  
Provando que se é batuta,  
No pensamento e no amor.

Sem fazer estardalhaço,  
Amarrei forte o cadarço,  
Sendo simples p'ra chuchu.  
Mas pedi algum esforço  
Que este texto eu quase torço:  
Carniça para urubu.

Nossa turma se contorce:  
Pede que o verso não force,  
Que eu não queira a perfeição.  
Por isso venho de novo,  
Para a alegria do povo,  
Trazendo esta rima em **-ão**.

Agindo tão simplesmente,  
Espero que muito aumente  
O sorriso dos leitores,  
Mesmo correndo alguns riscos  
De ter de aturar confiscos  
Nestes versos inferiores.

Quer o médium que melhore,  
Para que a turma não chore,  
Neste deserto de ideias.  
Fazer versos sem sentido  
Vai pô-lo comprometido:  
É não ver mel nas colmeias.

Vamos, então, caprichar,  
Que o perigo, neste mar,  
Está em sermos mui tolo.

Ao nos lembrar que a Doutrina  
O bom pensamento ensina,  
Será melhor recompô-lo.

Eis que ajuda este escrevente,  
Ao perceber que esta gente  
Só propõe versos estúrdios.  
Elevando a mente a Deus,  
Suplica que os versos meus  
Não sejam estapafúrdios.

Os bons leitores entendam  
Que desejamos que rendam  
Estas tardes de poesia.  
Mesmo que sejamos triste,  
Não nos venham, dedo em riste,  
Falar de patifaria.

Enquanto estou por aqui,  
Esqueço que já senti  
Os horrores infernais.  
Se ninguém ler estes versos,  
Já que são mais que perversos,  
Eu me lembrarei dos ais.

O risco que corro agora  
É de safar-me por ora,  
Deixando os ais registrados.  
Mas, por força do dever,  
Sempre deverei reler:  
Os ais serão redobrados.

Irei ter de desculpar-me,  
Pois provoquei tal alarme  
Nos corações dos leitores.  
Acreditem, meus amigos,  
Que são muitos os perigos  
De sentir tremendas dores.

Tendo chegado ao meu fim,  
Que se condoam de mim  
Pela fraqueza em que estou.  
Rezem uma bela prece,  
Pois este amigo agradece:  
Quem não leu já perdoou.

## 10

### OS BONS COMPANHEIROS

Quem caminha com o Pai  
Sabe sempre aonde vai,  
Não se perde na jornada.  
Integra o grande comboio,  
Come o trigo, queima o joio,  
Não teme enfrentar mais nada.

Quem caminha com Jesus,  
Nas ondas de sua luz,  
Está sempre sorridente.  
Estende a mão ao que sofre,  
Traz sempre aberto o seu cofre,  
Dá amparo a toda a gente.

Quem caminha com Kardec  
Não pede que o pranto seque,  
Ao aliviar a dor:  
Compreende bem sua mente,  
Dando valor ao que sente,  
Agradecendo ao Senhor.

Quem vai com os benfeitores  
Enche seu peito de amores,  
Tem o pensamento sério.  
Tudo faz com alegria,  
Sabendo como seria

Doutro lado do mistério.

Quem lavou o coração  
Nas águas do Rio Jordão,  
Ao receber o batismo,  
Nunca mais fará tolice,  
Pois saberá o que disse  
A turma do Cristianismo.

Quem conhece a própria alma  
Age sempre com mais calma,  
Tem o pensamento justo.  
Ao sentir algum tormento,  
Vai refletir um momento:  
Tudo resolve sem custo.

Queridíssimo leitor,  
Seja você como for,  
Siga conosco na vida.  
Traga o Pai e o bom Jesus,  
De Kardec tenha a luz,  
Esse seu fardo divida.

Recebemos com agrado  
Esse acréscimo do fado  
Que portamos com vigor.  
Não é que sejamos forte:  
É que também sofreu corte  
O peso da nossa dor.

Vamos encerrar agora,  
Pois já passamos da hora,  
Nesta tarde de poesia.  
Apertemo-nos as mãos,  
Com os sentimentos sãos,  
Como Jesus o faria.

## 11

### LEIA COM AMOR

Nossa principal tarefa,  
Já que ninguém aqui blefa,  
É dar ânimo ao leitor.  
Alguns vêm muito amiúde  
Dizer que a maior virtude  
É cultivar bom amor.

Outros trazem sofrimentos  
Para indicar que os tormentos  
Afetam qualquer irmão.  
Fazem versos muito à-toa,  
Sabendo que uma alma boa  
Irá ler no coração.

Mas a grande maioria  
Procura dar à poesia  
Um tom muito pessoal,  
Para demonstrar que o efeito  
Acontece desse jeito,  
Caso haja bem ou mal.

Acertar a pontaria  
Vai causar muita alegria  
À turma que se concentra.  
Com rima, às vezes, precária,

Veste a pobre indumentária  
E pela escansão adentra.

Teremos muito prazer  
Em revelar que o dever  
Fica sempre muito aquém.  
É que a vontade é tamanha  
De subir esta montanha  
Que o desejo vai além.

Assim, muitos destes versos  
Têm destinos bem perversos,  
Nas gavetas e nos cestos.  
Ficam cheios de poeiras,  
Depois ardem nas fogueiras:  
Não têm valor os tais textos.

Nós mesmos, com muito medo,  
Cá chegamos logo cedo,  
Para dar nosso recado.  
Elegemos como tema  
Este sentido problema  
Da turminha deste lado.

Se alguém ler a fraca rima,  
Vai despertar nossa estima,  
Se tiver algum agrado.  
Qualquer espanto seria  
Sinal de patifaria:  
É melhor ficar calado.

Reconhecendo a fraqueza,  
Pois dizemos, com franqueza,  
Que buscamos amparar,  
Ore comovida prece,  
Que o sentimento mais cresce,  
Vindo, embora, devagar.

Eis a luta que travamos,  
Para colher de altos ramos  
As doces uvas da glória.  
Alguns bagos que desprendem  
São sabores que nos rendem.  
O mais segue a velha história.

Não é fato que alcançamos  
Trazer mais perto os tais ramos  
Dos leitores generosos?  
Se somos disto capazes,  
Que se dirá desses ases  
Que buscam do bem os gozos?!

Amparados por Jesus,  
Disseminamos a luz  
Das virtudes evangélicas,  
Tendo firme o pensamento  
De causar um sentimento  
De repulsa às artes bélicas.

Se recebidos em paz,  
Cada qual será capaz  
De rimar um pobre verso.  
Assim aja o nobre irmão,  
Não dizendo jamais não,  
Nem um sim mui controverso.

Animada pelos mestres,  
Aqui, perante os terrestres,  
Esta turminha se pôs.  
Fez um esforço tremendo,  
Mas tudo acabou valendo,  
Nas estrofes que compôs.

Ao ler alguns nobres versos,  
Os corações são imersos  
Em tristezas de impotência.

Ao reler as nossas rimas,  
Vemos que são outros climas,  
Nesta rude turbulência.

Creemos que os nossos amigos  
Entenderam os perigos  
Que se enfrentam no desterro.  
Façam força p'ra subir:  
Sempre existe um bom porvir,  
Quando se evita o tal erro.

Valha-nos o belo dia.  
Em suores de poesia,  
Trabalhamos com afinco.  
Resguardamo-nos das dores  
De mostrar que os sofredores  
Fazem dos versos um brinco.

Ao Senhor vamos pedir  
Que proteja o Wladimir  
Destes assédios do mal,  
Para que possa ele, um dia,  
Vir trazer sua poesia,  
Com vigor mais natural.

Não há fugir do futuro.  
Na lei, não existe furo:  
É só toma-lá-dá-cá.  
Mesmo em tom de brincadeira,  
Não vai passar na peneira  
Quem não souber o que há.

Iremos agradecer,  
Pois foi grande este prazer  
De nos sentir amparado.  
Quem pensou que fomos nós  
Quem desfez os fortes nós  
Não se sinta embaraçado.

Agradeça logo a Deus,  
Ao receber nosso adeus,  
Que o sofrimento termina.  
Saiba que este bom tormento  
É próprio do sentimento  
Sob o amparo da Doutrina.

Não vá pensar que Kardec  
Não esteve nunca em xeque,  
Ao receber as mensagens.  
Mas teve discernimento  
De fazer levar o vento  
As que portavam bobagens.

Faça o mesmo logo agora:  
Leia tudo e jogue fora  
O que sentir malicioso.  
Mas guarde, sendo gentil,  
O que não for muito vil  
Dando-nos um grande gozo.

Nesta última escansão,  
Vou pedir-lhe o seu perdão  
Para as rimas sem compasso,  
Vá riscando as que estão fracas;  
As doentes, ponha em macas;  
Aproveite bem o espaço.

12

## FORÇA DE VONTADE

Quando vim para o infinito,  
Julguei tudo bem bonito,  
Que os males foram mui poucos;  
Mas sofri depois bastante,  
Pois notei, em meu semblante,  
Trejeitos próprios dos loucos.

O contraste, sendo grande,  
Faz com que a mente desande,  
Em quimeras e suplícios.  
Avaliei o passado:  
Não tinha posto de lado  
Os maus hábitos e os vícios.

Por que tive a impressão  
De ver como as coisas são  
Quando tudo é mais perfeito?  
Precisava comparar  
As dores do meu penar  
Com o gozo de um eleito.

Eu perdera a minha vida.  
Não havia outra saída:  
Tinha de enfrentar as dores.  
Só depois de muita luta  
Compreendi que a força bruta  
Não afeta os contendores.

Chorei muito, amargamente.  
É na crise que se sente  
As tolices que se fez.  
Na verdade, aquela mágoa  
Era dar co'os burros n'água,  
Era errar mais uma vez.

Aos poucos, fui entendendo  
Que o pranto era mais horrendo  
Sempre que pensava em mim,  
Via agora o semelhante  
Cada vez menos distante:  
Minha aflição tinha fim.

Era pouco o que eu podia:  
Faltava sabedoria;  
Era forte ainda o medo.  
Mas os males eram tantos,  
No rumor triste dos prantos,  
Que disse à dor: — *Já não cedo!*

No começo, foram rudes,  
Pois as minhas atitudes  
Causavam receio imenso.  
Mas a vontade era tanta  
Que a feição ficou mais santa  
E o meu fulgor menos denso.

Sei agora que o lugar  
Era uma espécie de lar  
Dos suicidas contritos.  
Gente que feriu pessoas  
— Tendo almas até boas —,  
Em momentos muito aflitos.

Quando percebi que tudo  
Dependeria do estudo

Das causas sentimentais,  
Arregacei minhas mangas,  
Joguei fora minhas zangas,  
Não fiz mais ouvir meus ais.

Conversei com muita gente,  
Tudo fiz tranquilamente,  
Querendo compor a paz.  
Nem sempre fui infeliz:  
Houve até alguém que quis  
Ver em mim um ser capaz.

Enxuguei prantos sentidos,  
Sem cansar os meus ouvidos,  
Com os queixumes alheios.  
Lembrei-me até de Jesus  
Que, pendurado na cruz,  
Ouviu doídos receios.

Um dia, fui resgatado.  
Sem pedir, fui contemplado,  
Até com certa surpresa.  
Vi melhorar muita gente,  
Pois tinha sempre na frente  
A chama do bem acesa.

Aqui cheguei, recebido  
Por alguém muito sabido,  
Que me explicou direitinho  
Que era hora, finalmente,  
De saber que a minha mente  
Podia dar bom carinho.

Internaram-me no hospício  
P'ra me libertar do vício  
Que trouxera doutra esfera.  
Foi então que percebi  
Que tudo passara ali,

Que a loucura tudo gera.

Recuperei a saúde.  
Fiz sempre o melhor que pude,  
Ajudando os meus amigos.  
Com a fórmula do Umbral,  
Consegui impor-me ao mal,  
Fugindo-lhe dos perigos.

Hoje curso esta *Escolinha*,  
Querendo que seja minha,  
Com amor no coração.  
Procuro dar aos colegas  
A mesma atenção que, às cegas,  
Sonhava na escuridão.

Penso que tenham gostado,  
Pois fui agora apontado  
Para vir dizer, em versos,  
A história que registrei,  
Sem dizer onde é que errei,  
Naqueles dias perversos.

Preferi mostrar que a sina  
Depende de pequenina  
Decisão de esquecimento,  
Confiando mais em Deus,  
Entendendo os males meus,  
Sufocando o sofrimento.

Penso ter bem demonstrado  
Que ninguém é injustiçado  
Junto ao direito divino.  
Basta só bem compreender  
Que existe um outro poder  
A reger nosso destino.

Vou agora terminar,

Dizendo que o verde mar  
Contém muitas maravilhas.  
Mas é preciso cuidado,  
P'ra não morrer afogado,  
Nos ardis das armadilhas.

13

## TRÉGUA DA DOR

Conviver com a maldade  
Só dependerá de força.  
Segurar não há quem há-de,  
Caso a velhice contorça.

A todos vem a doença:  
Na carne, é esse o destino.  
Mas ninguém não há que vença,  
Se praticar desatino.

A morte é fonte segura  
De pensamento sadio,  
Pois requer da criatura  
Que a tudo enfrente com brio.

Homem aprende a lição,  
Seja por bem ou por mal.  
Se por bem, no coração;  
Ou vai *pastar* lá no Umbral.

Essa é a força do destino.  
Ninguém vai fugir ao fado:  
Hoje é um infante-menino;  
Amanhã, grande e barbado.

Hoje é homem encarnado;  
Amanhã vaga no etéreo.  
Se for bom, cá deste lado,  
Vai decifrar o mistério.

Se agir com sabedoria,  
Com amor, sem desalento,  
Irá ter muita alegria,  
A partir do passamento.

Se quiserem entender  
O sofrimento da esfera,  
Pensem que seu bem-querer  
Nenhuma dor aqui gera.

Sobre ser bem misteriosa,  
A morte nos traz também  
A angústia do ser que goza,  
Sem pensar em mais ninguém.

Atrevimento é virtude  
Na decisão de prever  
O que nos causa inquietude,  
Se não se cumpre o dever.

As quadras que se acumulam  
Brotam espontaneamente.  
As ideias cá pululam:  
Solte o breque, siga em frente.

Quem quiser compreender  
Os intentos desta gente  
Consiga sentir prazer,  
Fazendo um verso somente.

Esquecidos da vergonha  
Dos erros das escansões,  
Nossa turma aqui mais sonha

Em conquistar corações.

Um versinho mais simpático  
Desfaz as premunições:  
Quem estava sorumbático  
Vai esquecendo os senões.

As rimas que se repetem  
Não assustam o escrevente,  
Que quer que os mestres não vetem,  
Mesmo quando medo sente.

Às vezes, os bons leitores  
Vão sentir-se magoados,  
Se esquecermos as tais dores  
Que os trazem tão maltratados.

O pranto nos banha a face,  
Quando os amigos se enervam.  
Um só que a paz estimasse,  
Que os preceitos se observam.

A quadra mais complicada  
Também foi mui demorada  
E terminou sem sentido,  
Por isso, pense bastante:  
No átimo dum instante,  
Tudo estará resolvido.

Quando se age contente,  
Não há mal que não se enfrente,  
Com Jesus no coração.  
É como Kardec ensina,  
Nos albores da Doutrina:  
Caridade é salvação.

Cumpramos o compromisso,  
Executando o serviço

Que nos reservou a sorte.  
Ao partir para outro espaço,  
Não vamos sentir cansaço,  
Nem vamos notar a morte.

Ao chegar no outro mundo,  
Nosso amor será profundo,  
Dando o tônus da bondade.  
A paz terá sido forte,  
A caridade, o bom norte,  
Levando à felicidade.

Aí, o nosso estribilho  
Há de conter muito brilho,  
Seja bem simples o verso.  
É que o sentido da vida  
Vai demonstrar que esta lida  
Nada retém de perverso.

Queremos dar leve toque,  
P'ra que não haja remoque  
Aos versos que sejam duros.  
Se viver nos dá trabalho,  
Vamos quebrar este galho,  
Deixando de cobrar juros.

Nas asperezas da lida,  
O bom verso nos convida  
A que ajamos com mais calma.  
Que o nosso amigo leitor  
Nos ajude a bem compor  
Poema que fale à alma.

Não há muito que fazer:  
Basta sentir mais prazer  
Co'a leitura desta rima,  
Esquecendo ter ouvido  
Este som tão repetido,

Aumentando a sua estima.

Vejam que a felicidade  
Vai residir na bondade  
Que rejeita toda força.  
A dor até que é bem-vinda,  
Mesmo que a velhice ainda  
Em doenças nos contorça.

Eis que o exemplo de Jesus  
Distribui eterna luz  
Para toda a humanidade.  
Quem deseja mais gozar  
Saiba que é mui devagar  
Que se estende a caridade.

Kardec, em seu sacrifício,  
Ergueu soberbo edifício  
De lógica espiritista.  
Cabe agora ao povo todo  
Erguer-se de dentro ao lodo,  
Para firmar tal conquista.

Bom amigo, nos perdoe,  
Caso ainda o verso doe,  
Os tímpanos ofendendo.  
Mas não queira ouvir as rimas  
Que se fazem lá, nos climas  
Do Umbral de penar horrendo.

Humor negro é melodia  
Da mais perfeita harmonia  
Quando se está bem na vida.  
O poema mais sublime  
Não encontra quem estime,  
Quando a dor promove a lida.

Pedirei ao escrevente

Que também reze p'ra gente,  
Ao se encerrar a poesia,  
Agradecendo ao Senhor  
Por tanto nos dar amor,  
Muito mais a cada dia.

Diz o amigo que este verso,  
Em bom sentimento imerso,  
É na verdade uma prece.  
Deus, então, nos abençoe;  
O bom leitor nos perdoe,  
Antes que a dor recomece.

14

## EQUILIBRA-TE

Na terra dos faraós,  
Estivemos todos nós,  
Em algum tempo anterior.  
Mas perdemos a lembrança,  
Que a memória não alcança,  
Se tivermos mais valor.

Esta vida nos convida  
A manter acesa a vida,  
Sob a luz dos evangelhos,  
Tenha sido o de Jesus,  
Ou outro que se conduz  
Por sentimentos mais velhos.

A humanidade consome  
Quem faça extenso renome,  
Exaurindo-o de vez,  
Inda mais, se o pensamento  
De se livrar do tormento  
Seja tudo o que ele fez.

Valha-nos a confissão  
De que já dissemos *não*  
Às palavras de tais mestres.

Por isso, avultam as dores,  
Nestes mundos inferiores,  
Por estas plagas terrestres.

Aos poucos, os sentimentos  
Vão firmando os pensamentos  
Nas áreas das atitudes.  
Os vícios são desbastados,  
Apurando-se os cuidados,  
Elegendo-se as virtudes.

Bom amigo, desde cedo,  
Afugenta o triste medo  
Das mensagens do outro mundo.  
Escreve logo na testa  
Que é preciso estar em festa,  
Se teu amar for profundo.

Desfaze o cenho cerrado,  
A tristeza, põe de lado,  
Abre, feliz, teu sorriso,  
Pois não é de outra maneira  
Que se dá a brincadeira,  
Nas terras do Paraíso.

Ao cumprir o teu destino,  
Abandona o desatino  
Do chorar desesperado.  
As dores são muito fortes?..  
Sabe que existem coortes  
Que desejam o teu fado.

As caravelas de antanho  
Só aspiravam ver ganho  
O horizonte promissor.  
Espírito de aventura  
Põe contente a criatura  
Que não se importa co'a dor.

Voltar ao campo terreno,  
Deixando o regaço ameno  
Dos protetores celestes,  
É viver o compromisso  
De prestar um bom serviço,  
Sejam quais forem as vestes.

Se tu fores bem formoso,  
Hás de sentir forte gozo  
Nas primícias dessa vida;  
Porém, sabe que os fulgores  
São prenúncios dessas dores  
Com que todo o mundo lida.

Mas não deixes que a vaidade  
Que o teu coração invade  
Te domine por completo;  
Põe fim a tal sentimento,  
Faze forte o pensamento,  
Mantém teu coração quieto.

Pensa que Jesus foi belo,  
Cabelos de caramelo,  
Olhos claros, mui profundos;  
Pele trigueira, voz doce,  
E ainda que assim não fosse,  
Quem mais puro nestes mundos?!

Concerta os teus modos bruscos,  
Não faças como os etruscos  
Que raptaram as sabinas.  
Se quiseres bem viver,  
Cumpre alegre o teu dever,  
Aceita com gosto as sinas.

Neste mundo de ilusões,  
É certo que os corações

Sofrem tropeços cruéis;  
É que todas as pessoas,  
Sejam péssimas ou boas,  
Desempenham seus papéis.

Evita comprometer-te,  
Nem que seja um simples flerte,  
Com as maldades da vida;  
Faze tudo muito certo,  
Mantém o teu peito aberto:  
Com Jesus vem a saída.

Os homens de antigamente  
Tinham sempre bem presente  
Que a morte chegava cedo.  
Hoje em dia, isso mudou,  
Muita coisa se alterou:  
Só o velho é que tem medo.

Se tu fores moço ainda,  
Faze tua vida linda,  
Agindo com perfeição.  
Põe mais tento no segredo  
Que o tempero fica azedo,  
Se abusares do limão.

Equilíbrio é exigência,  
Como do santo a paciência  
É virtude essencial.  
Não sejas muito feroso,  
Nem penses que seja um gozo  
Mesclar o bem com o mal.

Faze sempre a coisa certa,  
Com o erro a culpa aberta  
Os pruridos da consciência.  
Angustiar-te e sofrer:  
Sabemos que vais dizer

Que vives tal consequência.

Pode ser que, hoje em dia,  
Tu consegues alforria  
Das peripécias maldosas;  
Mas o tempo há de passar,  
Aos pouquinhos vão chegar  
As horas mais perigosas.

Fugir da dor ninguém vai,  
Por pungente seja o ai  
Da lamentação da alma.  
Aí, todo o sofrimento  
Não cabe num só lamento,  
E o pranto não mais se acalma.

Arreponder-te é de lei  
(Não digas que eu não falei),  
O quanto antes, melhor.  
Segue as normas da Doutrina;  
Se quiseres a sabina,  
Para ti, tanto pior.

Aguarda que chegue o dia  
De fazeres a poesia  
Como dever escolar.  
Não precipites a rima,  
Pois a mente se sublima,  
Quando se vai devagar.

Eis a última lição  
Que nos sai do coração,  
Em plena felicidade.  
Tudo fizemos com gosto;  
Vamos deixar este posto,  
Já co'um *tico* de saudade.

Agora, p'ra terminar,

Vamos pedir p'ra este lar  
As bênçãos do bom Jesus.  
Queira Deus que toda a gente  
Tenha o coração valente,  
P'ra carregar sua cruz.

15

## EM BUSCA DA MODÉSTIA

Estando de folga, um dia,  
Faça um pouco de poesia,  
Não tenha medo da rima.  
Talvez um bom exercício,  
Venha a tornar-se algum vício,  
Mas desses que a gente estima.

Desabrochando os seus versos,  
Sem que sejam mui perversos,  
Vá pondo neles virtudes.  
Mostre em paz a sua alma,  
Pois é como leva a palma  
Quem sublima as atitudes.

Aos poucos, o bom costume  
Talvez cause algum ciúme  
A quem não quer trabalhar.  
Se for este bem seu caso,  
Pense não ser por acaso  
Que estamos a poetar.

Muitos dias demoramos  
A buscar frutos nos ramos,  
Dando muitas cabeçadas.

Finalmente, conseguimos,  
Com alegria nos imos,  
Ver as coisas bem paradas.

Hoje em dia, um bom poema  
Já não nos causa dilema:  
Os assuntos vêm mui fáceis.  
Palavras nas escansões  
Abrem rimas em botões,  
Flores de formatos gráceis.

Mas a pressa é inimiga,  
Quando a trova mais periga,  
Dando rumos imprevistos.  
O espírito mais gagueja,  
Pois a perfeição deseja  
Compor aos irmãos benquistos.

É que nem tudo é perfeito  
Aqui dentro deste peito,  
Que deseja ser pequeno,  
Embora tenha de ser  
Rigoroso no dever,  
Como foi o Nazareno.

Jesus serve como prova  
De que a feição desta trova  
Não vem isenta de falhas.  
É que, mui prudentemente,  
Nada escreveu para a gente:  
Foram orais as batalhas.

No tempo das *Escrituras*,  
Eram poucas as leituras,  
Para as quais só os doutores  
É que tinham permissão,  
No templo de Salomão  
Ou nas casas dos senhores.

Agora, em qualquer favela,  
Mesmo à luz de pobre vela,  
Qualquer um vai decifrar  
Os sagrados *Evangelhos*,  
Ou os *Testamentos Velhos*:  
É luz espetacular.

Por isso é que o bom Kardec,  
Abrindo os textos em leque,  
Acreditou nas escolas.  
Muitos livros escrevendo,  
Quis ver o povo crescendo,  
Não mais aceitando esmolas.

— *Cada qual será mais rico;*  
*É como os bens justifico,*  
*Nos cofres do Pai do Céu.*  
Pensando como Jesus,  
Clareou, com muita luz,  
As mentes em escarcéu.

Hoje em dia, sofre o povo,  
Mas eis-nos aqui, de novo,  
A trazer-lhe a melodia.  
Com certeza o nosso brilho  
Sempre estará no estribilho  
Do amor que nos desafia.

Foi por isso que pedimos  
Para que, em versos opimos,  
Nosso amigo cante as loas,  
Exaltando o Mestre amigo,  
A Kardec dando abrigo,  
Em estrofes muito boas.

Servem de modelo as nossas,  
Dês que não provoquem troças

Pelas críticas dos sábios.  
É que tudo, humildemente,  
Vamos pondo aos pés da gente,  
Não selando os nossos lábios.

Com o coração na mão,  
Apelamos para o irmão,  
Que releve os bravos erros.  
Um voto de confiança,  
Queremos ver se se alcança,  
Depois de longos destertos.

Categorizado o autor,  
Esperamos que o leitor  
Releve as falhas mais grossas.  
Jesus perdoou os crimes,  
Em gestos mais que sublimes;  
Perdoe você nossas bossas.

Da mesma forma, algum dia,  
Ao fazer sua poesia,  
Vai divulgar com tremores.  
Sentindo alguns calafrios,  
Vai necessitar de brios,  
Para enfrentar os suores.

Ao fazer tais versos chochos,  
Vamos provocar muxoxos  
De total condescendência.  
Visamos estimular  
Quem queira vir poetar,  
Sem medo desta ciência.

Não falamos desta *arte*,  
Pois não queremos dar parte  
De fazer uma obra-prima.  
Contentamo-nos com pouco,  
Embora julguemos louco

Quem gostar da nossa rima.

Ao demonstrar a atitude  
Que julgamos ser virtude,  
Perante a visão alheia,  
Oramos, como num templo,  
Seguindo este bom exemplo  
Da perfeita coisa feia.

Diz nosso amigo: — *Duvido  
Que não esteja envolvido  
Tal autor com a vaidade.*  
Talvez assim é que seja,  
Mas consigo o autor deseja  
Expressar toda a verdade.

Já vai longe o nosso andor,  
Neste dia em que o calor  
Extenua o escrevente.  
Vamos aqui terminar,  
Cedendo o nosso lugar  
A quem queira vir co'a gente.

Uma palavra de fé,  
Para mostrar como é  
Este nosso coração,  
Que exultará, se uma flor  
Lhe for dada, com amor  
Cultivado pelo irmão.

Bastará pobre quadrinha,  
Água apenas com farinha,  
Sovada com emoção.  
No calor do forno d'alma,  
Assada com muita calma,  
Vai ser um amor de pão.

16

## ATO DE CONTRIÇÃO

Atribulados pelo encontro nesta vida  
Dos inimigos que fizemos, certo dia,  
Desativamos a maldade que pedia  
Que revidássemos a dor imerecida.

Assim julgávamos, enquanto o bem crescia,  
Que, evoluídos, os comparsas, sem saída,  
Nos propiciavam bons motivos para a lida,  
Em benefício dessa gente que sorria.

Fomos ganhando, nessas lutas meritórias,  
Tendo levado certas tundas deprimentes,  
Pois não podemos contar *papos* de vitórias,

Quando o resgate proporciona aos descontentes  
Uns arremedos de conquistas dessas glórias  
Que vituperam os confrades cá presentes.

Essa primeira, que bem fácil redigimos,  
Vai ser também a que fizemos com paixão,  
Que era preciso vir rasgar o coração,  
Momento álgido do amor que compartimos.

Não diga, pois, ó caro amigo, aquele *não*  
Que conhecemos nos refolhos destes imos,  
Pois com Jesus no coração é que seguimos,  
Tendo sofrido com a dura incompreensão.

Não basta amar, se seu amor ficar calado:  
Todos queremos os afetos carinhosos,  
Reconhecendo o bom valor sempre exaltado.

No Paraíso, sentiremos, ufanosos,  
Toda virtude desse pranto derramado,  
Felicidade de eternals e fortes gozos.

Foi bom tirarmos este dia p'ra escrever,  
Esquecimento das torturas das feridas,  
Exame sério dos problemas de umas vidas  
Em que ficou sem cumprimento o bom dever.

Com tal exemplo, pretendemos revolvidas  
Muitas querelas que se apoiam no poder  
E que suspendem muito tempo o bem-querer,  
Inutilmente para as dores mais sofridas.

Se perdoar é pressuposto dos melhores,  
Nossos amigos devem ser condescendentes  
Com estes versos bem perversos, dos piores.

Mas esquecer-se dos autores deficientes  
Já não vai ser muito difícil, se maiores  
Forem os males que sofrerem essas gentes.

Com muito tato, os benfeitores vêm dizer  
Que a nossa rima multiplica os sofrimentos,  
Que esta batida não esconde os desalentos

Que põem os homens nos mistérios, sem saber.

É preferível pôr nos versos pensamentos  
Estruturados pelas normas do dever,  
Pois as tais dores não demonstram bem-querer,  
Enquanto visam tão somente envolvimentos.

Ao se fecharem muitas portas, há quem fique  
Mui perturbado, sem saber o que pensar.  
Boa saída é revelar que se tem pique,

Para compor este soneto devagar,  
Para dar tempo que o amigo verifique  
Que os seus tormentos, muito cedo, vão findar.

Ó bom Jesus, tende piedade e socorrei  
Este rapaz que pena muito co' o calor,  
Especialmente quando sente sem valor  
O sacrifício de cumprir da fé a lei.

Ele transpira pelos poros seu amor:  
Bela figura que demonstra quanto errei  
Quando, apartado do redil da minha grei,  
Mais desejei um bom soneto vir compor.

Imaginava que o escrevente só seria  
Um transmissor inerte e fútil da poesia,  
Desativado, incompetente, presunçoso.

Peço-lhe agora, humildemente, que perdoe  
O desastrado que só quer ver quando soe  
A hora marcada de sair: o maior gozo.

Vamos correr p'ra terminar a nossa lida,

Pois não queremos cá voltar co'as mesmas dores.  
Agradecemos muito a ajuda dos mentores,  
E o bom espaço em que o escrevente nos deu vida.

A Jesus Cristo, prometemos mais amores,  
Que o sofrimento a refletir sempre convida.  
A Deus do Céu, a nossa prece comovida  
Pelos irmãos que não resgatam os penhores.

Exortaremos, em seguida, à virtude  
Aqueles tantos que suspeitam do improvisado,  
Sem perceberem que se perdem na inquietude.

Basta quererem, p'ra entender o nosso aviso,  
Pois é bem outra a realidade da atitude  
Que levará o povo todo ao Paraíso.

17

## ARREPENDIDO

Os cânticos que temos para o dia  
São tópicos da vida que levamos,  
São luzes resplendendo lá nos ramos  
Das árvores do amor, em má poesia;

Quimeras desses sonhos que sonhamos,  
Na ânsia de alcançar sabedoria;  
Presença de um irmão que não faria  
Um ato de bondade, sem seus amos.

Assim, se conseguirmos a vitória  
De termos um soneto completado,  
Vai ser para nós todos grande glória,

Que o tema, dedo a dedo solfejado,  
Revela um pouco só da nossa história:  
Desprezos de um artista desprezado.

Se agora, em liberdade, temos medo  
De ver que alguém nos chora a contragosto,  
Por termos assumido este bom posto,  
Em hora antecipada, muito cedo,

Também sofreremos dores de desgosto,

Que o gosto destas rimas é azedo,  
Fazendo do poema um arremedo,  
Que vinca de mais rugas nosso rosto.

Poesia, espelho d'alma que retrata,  
Perfeito, o desalinho do escritor,  
Nas linhas imperfeitas desta ata,

Valei-me, que me resta algum ardor,  
Pois sofro, se bem perto da cascata  
Me sufoca a tristeza do calor.

As letras que se põem ao meu serviço  
Parecem criar vida, cá no etéreo:  
— *Decifra-me ou devoro-te*, Mistério,  
Que o máximo que dou não passa disso.

Deixei meu corpanzil no cemitério,  
Que os vermes transformaram em chouriço.  
Ali fiquei, coió, sem compromisso,  
Pois nada, em minha vida, fiz de sério.

Versos obrei perversos, desafogo,  
Tédio da geração dos pervertidos,  
Que ao Pai jamais lançou um simples rogo.

Hoje, venho dizer: — *Tempos perdidos*,  
*Em que me travesti de demagogo*,  
*Jamais outros serão tão mal vividos!*

Aos poucos me revelo exatamente  
Conforme à opinião que eu mesmo faço.  
É certo que com muito estardalhaço,  
Pois tenho de manter-me aqui presente.

A crítica ferina aperta o laço,  
Deixando o coração também consciente  
Das lutas que terei, daqui p'ra frente,  
Pois quero ver se apresso este meu passo.

Promessas de uma vida redentora  
São fáceis de fazer, nestas mensagens,  
Bastando um pouco d'arte criadora;

Mas temo que pretendo só vantagens,  
Que a pílula que tomo não se doura:  
Resquícios das mais velhas molecagens.

Romeus e Julietas fazem falta,  
Tertúlias que se perdem nos abismos  
Do verso mergulhado em preciosismos,  
Que caiba, continente, nesta pauta.

Rejeito dos meus pobres egoísmos,  
A rima que acomodo quase salta,  
Buscando inspiração em Musa alta,  
Mui perversa ao falar de espiritismos.

E retruco a quem queira elogiar-me  
Que é fácil promover o meu desarme,  
Nas dores da vaidade literária.

Sutis, os pensamentos correm soltos,  
Mas são pelas mortalhas logo envoltos:  
Poemas de uma empresa funerária.

Parti trazendo versos em má rima,  
Sofríveis, perturbados, sem vigor,

Julgando que seria um benfeitor,  
Que o povo manteria a sua estima.

Escravo que apanhava do feitor,  
Liberto agora, viu-se em outro clima:  
Alguns evoluídos, mais acima;  
Outros, curtindo ainda a mesma dor.

Lembravam-se de mim nas orações,  
Mas tinham mais rancor os inferiores:  
Chorava por lhes ver as aflições;

Chorava ao receber dos benfeitores  
O apoio das formosas vibrações,  
Que o negro era a mais clara dessas cores.

Queria dar de mim melhor ideia,  
Dizendo o nome todo de batismo,  
E mais o sobrenome da colmeia,  
Que toda, como eu, caiu no abismo.

Vaguei, como quem parte em odisseia,  
Sem ter onde esconder meu egoísmo,  
Querendo ver, na arte, panaceia,  
P'ros males que causei, sem cristianismo.

Cheguei a compreender o meu destino,  
Corri de ceca a meca, em desespero,  
Busquei cantar ao Pai um doce hino,

Porém, o que mais fiz foi exagero  
De luxos, nesta fase em desatino,  
Não sabendo ser simples com esmero.

Mentores, companheiros e o escrevente  
Se põem de orelha em pé, desconfiados  
De que vá colocá-los com cuidados,  
Porquanto hoje brinquei mui facilmente.

É que as palavras são como criados  
Que tudo fazem p'ra servir a gente,  
Desde que as respeitemos, civilmente,  
No estudo dos matizes procurados.

Assim, eu posso até orar contrito,  
Nos termos mais formosos, em respeito  
Ao sentimento deste povo aflito,

Embora saiba bem que, neste peito,  
Se esconde um coração que emite um grito  
Que clama por perdão, de qualquer jeito.

18

## O DEVER NOS VERSOS

No bom capricho com que trago este meu verso,  
Encontrarão um pouco mais de meu amor.  
Se mais não posso é porque tenho, incontroverso,  
A mente curta e esta memória sem valor.

Mas faço tudo p'ra reger a boa escrita,  
Que este meu médium muito atento é exigente;  
Se nalgum metro eu titubeio, é quem grita,  
Levando logo a desafio, que é como sente.

É perigoso duvidar destas mensagens,  
Principalmente se se der co'os burros n'água,  
Na tentativa de mostrar as desvantagens,  
Causando apenas aos amigos muita mágoa.

Aí, alguém há de dizer que são mentiras  
Estas promessas de ajudar, nos casos tristes;  
Porém, estamos tão afeitos a tais iras,  
Que, de primeira, retornamos, com uns chistes.

Não há, porém, quem fale sério e com amor,  
Doce esperança de encontrar antigo afeto,  
Desilusões, em vez de bem, causam rancor  
E põem bem longe o protetor que age correto.

Se cá estivesse um desafeto impenitente,  
Demonstraria como é tal desafio:

Em vez de pôr o pessoal bem ao corrente,  
Aí faria, ao contrário, um elogio.

O povo todo, mais contente co'a poesia,  
Iria crer em que o que faz está perfeito  
E, dessa forma, o bom progresso não teria,  
Marcando passo, nesta vida contrafeito.

Mas se vier alguém de pulso que oblitere,  
Julgando certo aporrinhar os malfeitores,  
Um elogio de sua boca não espere,  
Antes compreenda que terá maiores dores.

O bom amigo que entender nossa mensagem  
Vai melhorar sua conduta, se tiver  
Disposição para enfrentar, sem vadiagem,  
Tudo de mau que a seu destino lhe aprouver.

— *Quais são as novas?* — A pergunta é de rigor.  
— *Terão traquejo p'ra informar com precisão?*  
O mais que temos é vontade e muito ardor,  
Grande desejo de nos dar de coração.

Além do mais, eis alguns versos não perversos  
Com que alcançamos demonstrar nossa afeição;  
Se estão, embora, em falhas grossas, muito imersos,  
Ao menos vão mostrando ao povo esta emoção.

Cumprir dever é, nesta vida, imprescindível,  
Pois cá viemos por julgarmos conveniente,  
Mais do que isso, imaginamos perfectível  
A nossa alma submetida inteiramente.

Ajamos, pois, com invulgar satisfação,  
Pensando bem em cada dia de serviço,  
Tudo fazendo p'ra ajudar o nosso irmão,  
Que não é outro nosso antigo compromisso.

Passo final na caminhada desta tarde,  
Só vou propor que todos juntos entoemos  
A mesma prece, pelo bom, pelo covarde,  
Pois nosso Mestre sabe bem quanto sofremos.

Caro Jesus, fazei de nós bons servidores,  
Pois cada um sabe dizer p'ra que é que veio;  
Por serem tantas, entretanto, as nossas dores,  
Dai de barato que tenhamos titubeio.

Não esqueçais que somos mais do que imperfeitos,  
Nestas palavras que compõem a nossa rima;  
Fazei de conta de que estais entre os eleitos  
E dedicai-nos um pouquinho dessa estima.

Se este pedido for um pouco desabrido,  
Se a nossa fala até contenha impropriedade,  
Não permitais que nos percamos sem sentido,  
Mas concedei que demonstremos a verdade.

Velho refrão há de ajudar-nos nesta altura,  
Porque sabemos que corremos grão perigo,  
Mas a verdade, quando a diz a criatura,  
Vai evitar o sofrimento do castigo.

Nós só queríamos mostrar que o bom amigo  
Conhece bem a brincadeira que revela  
Que estamos prontos a dizer: — *Conte comigo,*  
*Caso a bondade seja tudo a que se anela.*

Vamos parar com estas rimas dentro em pouco,  
Que o nosso amigo aqui presente está cansado  
De repetir o mesmo tom, agora rouco,  
Quase ficando co'o dedinho amarfanhado.

Agradecemos, em conjunto, a sua lide,  
Mesmo sabendo que bem pouco aproveitamos,  
Pois pendem cachos saborosos dessa vide,

Mas somos nós muito pequenos p'ra tais ramos.

Falando sério, esta será a derradeira,  
Pois tudo aqui há de fazer-se bem bonito,  
Que os seixos grossos ficam presos na peneira,  
Que o nosso verso só nos põe bastante aflito.

19

## CARNAVAL

No rastro dos eventos consagrados  
Pela estultice humana às diversões,  
Os homens põem à mostra as ilusões,  
Durante o Carnaval de tristes fados.

Querendo deixar tensos corações  
Alegres, na folia desregrados,  
Para amainar das dores os recados,  
Se deixam arrastar sem contenções.

Mas todos temem justas represálias,  
Que sabem que o destino há de cobrar,  
Pois ao plantarem cardos querem dalias.

Prezemos quem sorri em doce arfar,  
Felicidade simples das Ismálias  
Que têm no céu as almas, não no mar.

Embotam sentimentos mais sutis,  
Para o grosseiro gozo dos sentidos,  
Que a tudo mais se prestam, resolvidos  
A terem sempre mais prazeres vis.

Antigamente, o povo dava ouvidos  
Aos padres, sem chamá-los imbecis,  
Ao porem suas cinzas nas cerviz,  
Para lembrar os velhos textos lidos.

Agora, o mau comércio se aproveita  
Do luxo espúrio desses quatro dias,  
Insaciável, tendo tudo à espreita.

Fora possível crer nestes fantasmas  
Que põem as mangas fora nas poesias,  
Seriam de terror as caras pasmas.

Queremos só lembrar aos mais espertos  
Que a vida lhes prepara outras surpresas,  
Caso não ponham tento nas empresas  
Que tão às cegas regem como certos.

Os vícios se disfarçam nas belezas  
Dos ricos trajos, em brilhar refertos,  
Dispondo os corações bem mais abertos  
P'ra receberem, fúteis, vãs defesas.

Se todo o contingente de dinheiro  
Que vai p'ros bolsos dúbios dos farsantes  
Pudesse ser doado a verdadeiro

Benfeitor dos que penam tiritantes,  
Por certo iria pôr um paradeiro  
À fome que atormenta os semelhantes.

Não quero despedir-me sem dizer  
Que vim trazer um testemunho pleno,  
Embora não pareça estar sereno,

Pois quis dar fim tão brusco ao tal prazer.

É que senti na pele não ameno  
O resultado bruto do poder,  
Pois tudo, certo dia, fiz valer,  
Querendo dar ao bem só leve aceno.

Se alguém puder livrar da fantasia  
De ter na vida tudo de sobejo,  
Irei sentir enfim doce alegria

Dum carnaval em que o maior desejo  
É ver, nesta avenida de folia,  
Jesus a comandar o bom cortejo.

20

## RISO FORÇADO

Nenhuma falha, nesta nossa faina,  
Vai impedir que o bom amigo tenha  
De todos nós a razoável senha  
Que os entreveros d'alma logo amaina.

Sem perder tempo, tão cedinho venha,  
Tendo dormido um pouco, em boa paina,  
Como faria plácido sotaina,  
Nós lhe damos um tema em que se embrenha.

Porém, nem tudo é paz nos versos nossos,  
Que a rima faz tremer por pouco uso,  
Pois nossa fruta tem alguns caroços.

*Aí, nos vem dizer: — Eu os acuso  
De fazerem sofrer com estes troços,  
Os quais põem o leitor muito confuso.*

Assim, vamos levando a propedêutica,  
Tornando a vida boa p'ra chuchu,  
Restolho de carniça que urubu  
Rejeita, em raciocínios de hermenêutica.

Quiséramos tão só não comer cru,  
Engenhos desta arte farmacêutica,  
A transformar, por dom de terapêutica,  
Em remédio a peçonha de urutu.

Ao demorar o verso, por perverso,  
A gente fica triste toda a vida,  
Que o mais que nós queremos do universo,

Após duro trabalho, é que esta lida  
Resulte em riso franco, incontroverso,  
Segredos a que o tempo nos convida.

Falando francamente, como acima,  
Propomos que os leitores façam versos  
Que, em nobres sentimentos, vão imersos,  
A provocar-lhes n'alma doce estima.

Sabemos que os seus males são diversos,  
Que triste talvez saia a sua rima:  
Viajem, vão curtir um novo clima,  
Que as dores e os problemas são dispersos.

Voando pelas asas de estribilhos,  
As cores do horizonte são mais puras  
E a luz da noite ganha muitos brilhos;

Vão ser felizes mais as criaturas,  
Ao adotar poemas como filhos:  
Feridas são fechadas com suturas.

Sabemos que estes temas são banais,  
Que a vida tem problemas muito sérios:

Se falamos empós os cemitérios,  
Assim de nós espera o povo mais.

Mas como dar ideia dos mistérios,  
Se o mais que se ouvirão são nossos ais,  
Resultado dos dramas que, imorais,  
Terminam sendo lúgubres, funéreos?!...

Por isso é que pedimos aos amigos  
Que, em versos bem rimados, façam preces,  
Por mor de oferecerem dons antigos,

Em foguetório alegre de quermesses:  
Felicidade longe dos perigos  
Destas vaidades fúteis, sem as messes.

O bom amigo aqui mais nos convida  
A terminar o dia de improviso,  
Mas só diz isso por não ter juízo,  
Querendo dar a nós outra saída.

Então, escreva aí um bom aviso,  
Que é tudo o que trouxemos dessa vida:  
Lutar, com heroísmo, a dura lida  
E tudo compreender com muito siso.

Jesus nos trouxe as luzes do evangelho,  
Kardec decifrou de Deus as leis,  
Mas resta ainda parte dos mistérios.

Não deixe p'ra depois, só por ser velho,  
O estudo da Doutrina e o amor às greis,  
Que o homem não se extingue em cemitérios.

21

## DIRETRIZES

Não somos mais que trinta na poesia,  
Buscando compreender este universo,  
Cumprindo o bom dever, incontroverso,  
Sabendo que qualquer melhor faria.

Contudo, seja o tema até perverso,  
Sentimos, lá no fundo, só alegria:  
É que, quando alcançamos harmonia,  
Podemos transformar em belo verso.

O fato que preocupa nossa gente  
Decorre de não termos que dizer:  
Problemas de um pensar inconsequente.

Aí, o nosso mestre tem poder  
De pôr um fim ao ritmo que sente  
Oco, vazio, inútil, sem prazer.

É claro que falamos de cadeira,  
Solertes nesta briga de fandango,  
Ativos ao dançar passos de tango,  
Alegres ao fazer a brincadeira.

Por que jamais gostar do nosso *rango*,  
Se feito com carinho, nesta feira  
Em que, para curtir, basta que queira,  
Jamais dizendo: — *Agora é que me zango*.

É leve a troça e fácil a postura  
Que se requer de quem gostar da rima,  
Pois é de Deus o dom da criatura.

Assim, p'ra conseguir do povo a estima,  
Chegue-se a nós, trazendo alma mui pura:  
Divirta-se à vontade no bom clima.

Simplicidade é nosso objetivo,  
Em rimas fáceis, sem qualquer apuro,  
Sem repetir as falhas deste furo,  
Pois se pretende o verso muito vivo.

Contudo, nestes treinos, demos duro  
P'ra desfazer costume paliativo,  
Consistente em julgar mais criativo  
Tornar o bom leitor muito inseguro.

Palavras são o toque de grandeza  
Que faz a alma humana mais perfeita,  
Conquanto o belo só não vá à mesa.

Agora o nosso mestre ri e aceita  
A confissão implícita — beleza! —,  
Mas temos de aviar nossa receita...

O bom leitor nos há de compreender,  
Por sermos muito verdes na Doutrina,  
Que só quem sabe explica e nos ensina

Que quem se aplica e sofre há de aprender.

Se rude versejar é nossa sina,  
Momento de chorar e de prazer,  
Obremos com esmero o tal dever,  
Pois o que o tempo dá logo arruína.

A arte quer fazer algo de eterno  
E luta p'ra compor com perfeição,  
Tornando este existir fogo do inferno.

Aí, vem um poeta-corção,  
Mostrando, num só verso muito terno,  
Que o bem está ali, à nossa mão...

Kardec foi um mestre rigoroso  
Que fez do espiritismo uma ciência,  
Mostrando toda causa e consequência,  
Ao termos o sofrer e o nobre gozo.

Hoje, estudamos fácil a consciência,  
Nada quedando nela misterioso,  
Mas temos de fazê-lo criterioso,  
Para localizar a insuficiência.

Se pelo amor a vida só se explica,  
Kardec deu-nos dele as diretrizes,  
Que a regra nos demonstra e exemplifica:

A caridade nutre nas raízes  
A perfeição, que cresce e frutifica,  
Tornando-nos mais puros e felizes.

Querida, eu aqui venho convidá-la

A pôr um pouco mais de ardor à vida:  
Não tendo companheiro, dê guarida  
Aos órfãos pequeninos que a dor rala.

Se a morte não lhes deu qualquer saída  
— Perfume que se sente é flor que exala —,  
Atenda a este ser que ora lhe fala  
E esqueça esse sofrer que a traz ferida.

Falência dos sentidos e das preces,  
Privar-se, tendo força, é morte certa,  
É ver apodrecer todas as messes.

Viver Jesus é pôr a porta aberta,  
Deixando entrar em luz, como em quermesses,  
O bem, a paz, o amor, n'alma referta.

## FRAGILIDADES E SUPERAÇÃO

A dor, sem compromissos de resgate,  
É negra condição d'alma não pura.  
Talvez se ajeite até a criatura,  
Sem provocar, no mundo, disparate;

Contudo, cá no etéreo, a eterna jura  
De renegar amor o mau abate:  
A cada ser que der um xeque-mate,  
Mais triste vai ficando e insegura.

Por isso, caro amigo, ponha à mesa  
Algo que saiba amargo ao paladar,  
De comprovado efeito p'ra saúde.

E coma, experimentando-lhe a aspereza,  
Provando os bocadinhos devagar:  
Quiçá descubra a fonte da virtude.

Nem tudo o que se faz, nesta hora santa,  
Contém bom estribilho e rima certa:  
Se a turma se esmerar a ver se acerta,  
Talvez refugue o verso sacripanta.

Contudo, se este gênero acoberta  
Um tosco raciocínio, como manta,  
Um bom exame dá com o que encanta,  
Mostrando-nos a rua a porta aberta.

Toda consciência importa que se tenha,  
Pois, ao julgar-se, a turma não perdoa  
E na fogueira mais coloca lenha.

Quando o rimar apenas cá ressoa,  
Como cascata a despencar da penha,  
Sem paz e sem amor: é verso à-toa.

Por querer ajudar-nos, o escrevente  
Põe-se mui temeroso a cada verso.  
Talvez isso nos cause, pelo inverso,  
Cansativo trabalho, lá na frente.

Se em cada vibração ficar imerso,  
Vai ter o povo todo mais contente,  
Pois vai chegar ao fim, rapidamente,  
Sem que deixe ficar ninguém disperso.

Ao terminar o dia, irá reler,  
Bem devagar e sério, cada trecho,  
Como se fora seu o tal dever,

Pensando a cada falha: — *Agora eu mexo,*  
*Pois devo dar ao verso o bom poder...*  
Mas se perde nas cismas desse entrecho.

Jesus nos quis um dia auxiliar,  
Peregrinando à Terra em compaixão,  
Mas não contava que estes homens são,

No entendimento, muito devagar.

Parábolas falou, de coração,  
Que punha como pedra basilar,  
Às quais nós deveríamos somar  
Toda a experiência, isenta de emoção.

Ao invés disso, a turba se enfurece  
E quer que o Mestre acabe co' o inimigo,  
Pedindo a Deus o mal, em negra prece.

Como mostrar a todos o perigo?  
— Queimando o joio logo após a messe,  
Fazendo o pão dos grãos do melhor trigo.

23

## CELEUMA

Jesus veio dizer à humanidade  
Que a morte, p'ro destino, é só brinquedo,  
Pois quem ama de fato não tem medo  
De receber o afeto da verdade.

Ninguém é tão perfeito desde cedo,  
Por isso vai e vem, por caridade  
Daquele que nos deu a propriedade  
De descobrir da vida seu segredo.

“Sois deuses”, disse o Mestre e não “humanos”,  
Palavras que nos põem perante o Pai,  
Depois de resolvermos os enganos.

Quem é que hoje mais se sobressai,  
Sem promover aos homens muitos danos?  
Quem diz ao coração bondoso: — *Vai!*

Queremos deixar nítida a impressão  
De estarmos prestes a dizer que amamos  
Quem venha a recolher, de nossos ramos,  
Os doces frutos da meditação.

Caso algum tema pelo qual lutamos  
Ponha em celeuma a alma desse irmão,  
Saiba que temos um processo bom  
De eliminar, no ato, tais reclamos.

É que aceitamos logo, de bom grado,  
O pensamento de que a vida muda,  
Definindo o caminho, em qualquer lado,

Mas saiba o meu amigo que essa ajuda  
Não há de ser de graça, pois fadado  
Estará a viver o *zen* de Buda.

Disse o mestre a seu pupilo  
Que fosse colher pitangas,  
Mas não disse bem aquilo  
P'ra lhe provocar as zangas.

Se mandasse colher mangas,  
No fundo daquele asilo,  
Era certo que só cangas  
Poderiam derruí-lo.

Rajadas das uvas passas  
Eram como rude espinho,  
Nas mentes, pelas devassas.

Entendimento é carinho,  
Não sangue das pobres caças:  
Jesus é a luz do caminho.

É fácil propor mistérios  
Livres de decifração:  
Se os temas forem bem sérios,

Provocam meditação.

Os enigmas não são  
As chaves dos cemitérios.  
Caso haja solução,  
Cantemos nossos saltérios.

Mas tudo o que se pretende  
É dar à vida sentido,  
Que até a morte se entende,

Quando tudo está perdido.  
Melhor é quando se acende  
A luz dum Kardec lido.

Atividade perdida  
É a pobreza desta vida,  
Na parte espiritual.  
É preciso ter conforto,  
Para que, depois de morto,  
Pensemos no nosso mal.

Hoje em dia, é permanente  
O sentimento que mente  
À consciência da pessoa.  
Ao decifrar o mistério,  
Logo após o cemitério,  
O cara se sente à-toa.

Vamos, pois, compreender  
Onde fica o bom dever,  
Nas horas doces da vida,  
Fazendo tudo perfeito,  
Para poder ser eleito,  
Tendo noss'alma escolhida.

Compromissos co'a verdade  
São pontos que a caridade  
Resolve todos de vez.  
Caso o coração fracasse,  
Todo temor ultrapasse,  
Vale mais o bem que fez.

Sabemos bem que o escrevente  
Tem amor por sua gente  
E prossegue destemido;  
Mas saiba que o bom menino  
Que cantou o longo hino  
Também se sentiu perdido.

Veio aqui dizer que o bem  
Mostra o coração que tem  
As virtudes de Jesus;  
Mas fala com tal modéstia  
Que uma falha só na réstia  
Vai parecer-lhe uma cruz.

Sendo assim, mui comovido,  
Agradece ser servido  
Por pena tão generosa,  
Esperando que p'ra frente  
Venha cá uma outra gente  
Munida de melhor glosa.

Jesus, José e Maria  
Hão de encerrar este dia,  
Com suas bênçãos de amor,  
Dando o Pai benevolência,  
Neste exame da consciência,  
Que se sabe sem valor.

Humildade em exagero  
Pode causar desespero:  
Vou parando por aqui.

Nas esquinas desta vida,  
Com toda gente se lida,  
Pois foi assim que senti.

Despeço-me mui contente,  
Porque sei não ser frequente  
Os momentos prazerosos  
Em que, voltando a esta terra,  
Nosso pensamento erra  
Nas delícias destes gozos.

Agradeço a quem se sente  
Feliz com a própria mente,  
Dando apoio a este meu verso,  
Embora tenha consciência,  
Entendendo a ambivalência,  
De ser o rimar perverso.

24

## VOZ DE UM JOVEM

Ao virmos cá trabalhar,  
Abençoamos o lar  
Que nos recebe festivo.  
Para todos, com carinho,  
Erguemos taça de vinho,  
Neste sentimento vivo.

Mas nem tudo é perfeição  
No grupo que tem à mão  
Tão formoso empreendimento:  
As coisas vão devagar,  
Pois é fácil desviar  
Do melhor o pensamento.

Em dia de carnaval,  
Sabe-se não ser normal  
O pensamento do povo:  
Há tanta ideia de engano  
Que parece ser insano  
Ter de começar de novo.

Corremos de ceca em meca  
P'ra ver como a gente peca,  
Nos festejos populares.  
Encontramos coisas boas,

Mas são poucas as pessoas  
Que preservam os seus lares.

A carne vale afinal,  
Como se valesse o mal  
Que a cinza fosse apagar;  
Mas a ideia religiosa  
Não passa de triste glosa:  
Querem mesmo se esbaldar.

Desejam ter liberdade,  
Mas não dão com igualdade  
Para os ricos e os pobres;  
Fazem tudo diferente,  
Demonstrando, infelizmente,  
Que não se assustam com dobres.

A bebida corre solta,  
A comida vem envolta  
Nas auras dos animais.  
A volúpia entre os sexos  
Exige gozos complexos:  
Todos querem sempre mais.

Aproveitar cada dia  
É o que o povo gostaria,  
Se suportasse a saúde.  
Mas, como o tempo é bem pouco,  
Há quem fique quase louco  
Ao retornar à *virtude*.

As lembranças desse tríduo  
Vão dar a cada indivíduo  
Alguma satisfação:  
Vão sentir-se tão felizes,  
Mantendo tais diretrizes  
Até o próximo verão.

Encasquetam na cabeça  
Que tal vida favoreça  
A noção de plenitude:  
A folgança de um só dia  
Vai dar-lhes mais alegria  
Que o vigor da juventude.

Mas poucos são burros xucros;  
Quase todos visam lucros,  
Quaisquer sejam os seus meios:  
O comércio, abrindo as portas,  
A safadeza, as comportas;  
Os vícios são os mais feios.

Muitos saem daí doentes.  
Casos são muito frequentes  
Em que vidas são perdidas.  
As estradas, isto é sério,  
Acabam em cemitério  
Das almas arrependidas.

A cada ano que passa,  
Fica maior a desgraça  
Da virulência fatal:  
Vendo a porta sendo aberta,  
A AIDS é sempre certa  
E não tem cura o tal mal.

Não vão pensar que haja praga,  
Que esta gente quer a paga  
Das dores que já sofreu;  
Mas a verdade é só uma:  
Quem morre assim não se apruma;  
Cai na escuridão do breu.

Seria bom evitar  
Que tivesse seu lugar  
O prazer desavisado.

Vamos moderar a festa  
Que o forte compasso desta  
Repercute deste lado.

Vão pensar que somos velhos,  
Que lemos nos *Evangelhos*  
Os cuidados que trazemos;  
Mas é bem outra a verdade:  
Era pouca a nossa idade,  
Ao quebrarmos nossos remos.

Ao perceber que falhamos,  
Vendo sem frutos os ramos  
Da árvore da promessa,  
Demos um tapa na testa:  
Só por causa de uma festa,  
Retornamos bem depressa.

Quem avisa amigo é!  
É melhor botar mais fé  
Nas palavras desta gente:  
Moderação é virtude  
Que nos preserva a saúde,  
P'ra melhorar nossa mente.

Oramos com nostalgia,  
Pois nos lembramos do dia  
Em que perdemos a vida.  
Nosso corpo era perfeito:  
Um deus nos teria eleito  
P'ra executar sua lida.

Cumprimos nossa missão  
De vir dizer ao irmão  
Que é bem melhor pensar antes.  
Vamos orar, com Jesus,  
O seu pai-nosso de luz,  
Com amor aos semelhantes.

25

## UM VELHO MOÇO

O jovem que está presente  
Vem dizer que muito sente  
Ter bem pouco p'ra ensinar;  
Mas aprendeu bem depressa  
Que nossa briga é bem essa,  
Quando penou devagar.

As virtudes que hoje eu trago  
Me dão sentimento vago  
Das ações rudimentares;  
Como, pois, mostrar ao povo  
Que, com o bem, me comovo  
Se me afogo nestes mares?...

Preciso de compreensão,  
Pois mantenho esta ilusão  
De que o meu verso não falha;  
Só depois de alguns instantes  
É que percebo que antes  
Há que ser dura a batalha.

Quem ler estes poucos versos  
Não saberá quão perversos  
Foram os dias de treinos,  
Com os cestos sempre cheios  
De rascunhos muito feios,

Que as musas fecham seus reinos.

Quanto à parte do improviso,  
Vou deixando o meu aviso  
Que vem tudo em catadupa:  
É que este bom escrevente  
Promove, frequentemente,  
Bons passeios na garupa.

Mas não gosta do que escreve,  
Embora seja bem leve  
A referência que faço.  
Sente que o povo que lê,  
Seja lá quem for você,  
Percebe seu embaraço.

Vou nas ondas desta turma,  
Que, antes que o povo durma,  
Fala dos versos que faz;  
Este assunto é tão frequente  
Que já não há quem aguente  
Ler de novo, estando em paz.

Os caminhos desta vida  
A meditar nos convida  
A respeito dos deveres:  
Se vimos cá poetar,  
Qual o tema que vai dar  
Para incluir nos haveres?

Sendo assim, antes que doa,  
Não fique pensando à toa  
Nas obrigações do dia;  
Vá fazendo, sem tropeços,  
Que tudo tem seus começos,  
Como também tem poesia.

Há que entender que o trabalho

Não é simples quebra-galho  
Do tempo que não se apressa;  
Se você pensar que a vida  
A meditar nos convida,  
Vai ver que o tempo não cessa.

Trouxe aqui filosofia,  
Quando nada disso via,  
Enquanto vivo flanava;  
É que o pobre, em olho alheio,  
Vê um cisco muito feio,  
Sem perceber sua trava.

Queridíssimos amigos,  
Fujam sempre dos perigos  
Das coisas disparatadas;  
Equilíbrio, sobretudo,  
Na forma e no conteúdo,  
P'ra não haver pasquinadas.

À crítica me submeto,  
Pois, num simples poemeto,  
Quis cultivar um jardim,  
Mas os lírios não cresceram,  
Os girassóis feneceram:  
O terreno era ruim.

Faço versos sem capricho;  
A bem dizer, é um lixo  
A rima que se repete.  
Mesmo assim, a gente boa  
Nada vê que seja à-toa  
E até me joga confete.

É preciso ter coragem,  
P'ra perceber a mensagem  
Que se esconde em cada rima.  
Vamos passar a borracha

(Quem relaxa mais escacha):  
Sinta apenas forte estima.

Faço versos de brinquedo,  
Mas é sempre muito a medo  
De que me vejam perverso;  
É que a turma da **Escolinha**  
Deseja manter a linha,  
Até mesmo em simples verso.

Exige-se disciplina  
Do rapaz e da menina,  
Mesmo quando fala forte  
O sentimento-saudade,  
Que a prantear persuade,  
Pois veio mui cedo a morte.

Demonstro minha estrutura  
Duma velha alma insegura,  
Em feições de rapazote;  
Por isso, parecem gráceis  
Certas rimas muito fáceis,  
Na textura deste mote.

Hoje, eu queria saber  
Como foi o meu viver  
Em encarnes anteriores.  
É que a tal da juventude  
Não combina co'a atitude  
Da reflexão das dores.

Fizeram-me pensar nisto,  
Ao me lembrarem que o Cristo  
Só viveu trinta e três anos.  
Mas, por certo, em outras vidas,  
Viu abertas as feridas  
Doutros tantos desenganos.

Acabou ficando sério  
Este meditar do etéreo,  
No crepúsculo do dia.  
Talvez seja permanente  
O rimar em que se avente  
Que vale a sabedoria.

Este moço-velho agora  
Vem dizer que muito chora  
Ter retornado vazio;  
Mas promete mais vigor,  
Estudando com amor  
A formulação do brio.

Como sempre, no final,  
Em prece se quer que o mal  
Seja esquecido de vez;  
Por isso, qualquer leitura  
Vai tornar-se bem mais pura,  
Se nada melhor se fez.

Não se veja atrevimento  
Demonstrar o sentimento  
De total felicidade.  
É que este povo me ampara  
E no verso não repara,  
Só buscando o que lhe agrade.

Exauri-me, inteiramente,  
Já não dá p'ra ir em frente,  
Vou segurar este andor:  
Há perigo de que o santo,  
Por estar tremendo tanto,  
Se arrebente de estupor.

Querido amigo escrevente,  
Ponha p'ra fora o que sente  
A respeito da poesia,

Mas faça tudo com gosto,  
Pois precisamos do posto,  
Para nossa mordomia.

Ao retornar para a filha  
(Veja só que maravilha!),  
Outros quatro lá estarão.  
Mas como com tudo eu brinco,  
Posso dizer que são cinco:  
Um em fim de gestação.

26

## SIMPLES RECOMENDAÇÕES

As coisas simples da vida  
Causam-nos satisfação;  
O meditar nos convida  
A entender essa lição.

Quem desejar progredir  
Há de fazer tudo bem:  
Não irá longe o porvir  
De receber nota cem.

Os mistérios que nos prendem  
Junto às teses religiosas,  
Na verdade, muito rendem,  
Na formulação das glosas.

Mas o puro sentimento  
De ao Senhor se reunir  
Põe as palavras ao vento:  
A verdade é o existir.

Falando bem francamente,  
Colocando tudo claro,  
O melhor p'ra toda a gente  
É deixar de ser avaro;

Avaro nos sentimentos,  
Avaro nas obras pias,  
Avaro nos pensamentos,  
Nesta hora de poesias.

Fazemos força que o verso  
Seja certo e fidedigno.  
Ninguém quer ser só perverso:  
É melhor ser mais benigno.

Amar ao Cristo—Jesus  
É um dos alvos maiores;  
É retribuir a luz,  
Como fazem os melhores.

Amar ao Pai, lá no Céu,  
— De todas a maior lei —,  
Não aceita qualquer véu.  
Diga sempre: — *Isso eu sei!*

Mas há um amor que vem antes  
Que nos obriga ao dever:  
É o respeito aos semelhantes,  
Como ao nosso próprio ser.

Também amar aos parentes,  
Aos amigos e instrutores,  
É espargir as sementes.  
Cultivemos essas flores.

Vão sobrar os inimigos,  
Seres perversos p'ra nós,  
Mas fuçamos dos perigos  
De causar-lhes dor atroz.

Olvidemos malquerenças,  
Em qualquer um destes planos:  
O ajuste das diferenças

Só provoca desenganos.

Dentre as normas de Jesus,  
Inclui-se amar aos perversos.  
Mesmo sofrendo na cruz,  
Não quis na dor ver imersos.

Se Jesus pediu perdão,  
Pela terrível ignorância,  
Vamos lembrar que esse irmão  
Também tem sua importância.

É quem nos traz as virtudes  
Da paciência e compreensão.  
Se nos causar inquietudes,  
Vai-nos longe a perfeição.

Esse ódio há de ficar  
Em nosso negro passado.  
Quem quiser ir devagar  
Odeie feito danado.

Há certas regras de ouro  
P'ra melhorar nossa lida:  
Rejeitemos o tesouro  
A que a carne dá guarida.

Vamos plantar as sementes  
Das virtudes evangélicas,  
Esquecendo as conseqüentes  
Destas paragens mais bélicas.

O homem julga que a força  
Lhe promove a distinção;  
No etéreo, não há quem torça  
Por tão sofrível razão.

Vamos pensar em que a fome

Seja rude provação;  
Mas nem todo ser que come  
Desmerece a salvação.

Os sofrimentos que temos  
De superar nesta vida  
Não são terríveis, supremos:  
Para todos há saída.

Se a consciência nos perturba  
Pelas maldades de um dia,  
Não pensemos pela turba,  
Mas com mais sabedoria.

Se quisermos ser eleitos,  
Vamos ter de trabalhar.  
Todo dia existem pleitos:  
Reservemos nosso altar.

Oremos pela cartilha  
Deste Cristianismo vivo;  
Quem a segue compartilha  
De um saber definitivo.

27

## SAIBA DIRECIONAR A CRÍTICA

Nas asas doces do amor,  
Busquemos a perfeição,  
Mas saibamos onde pôr,  
Com honras, o nosso irmão.

A vida é grave problema,  
Se não houver equilíbrio:  
A virtude mais extrema  
Sofrerá com o ludíbrio.

Exijamos da vontade  
Que assuma todos os atos,  
Não com cilícios de abade,  
Sem quaisquer espalhafatos.

Seja a liberdade plena,  
Em função dos atos puros,  
Que a consciência se asserena,  
Mantendo-nos mais seguros.

Quem quiser brigar com Deus,  
Por causa das suas leis,  
Vai ter de dizer adeus  
Às regalias das greis.

Vão dizer que lá no Inferno

As pessoas são queridas?  
Mas qual regimento interno  
As mantêm no amor unidas?

No Umbral, cada um por si,  
Que o sofrimento é por todos.  
Eu sei porque lá vivi,  
Tendo penado em tais lodos.

Pode ser até que existam  
Organizações formadas,  
Mas eu peço: — *Não insistam,*  
*Que as coisas são malparadas!*

Neste local em que estamos,  
Há muito mais harmonia:  
O bom fruto destes ramos  
A qualquer agradaria.

É que todos, como um,  
Criança, jovem e velho,  
Têm uma herança comum:  
Compartilhar o evangelho.

Ao pensarmos nas esferas  
Em que a luz esplende mais,  
Evitemos as quimeras,  
Ajamos como imortais.

— *Isso é quase inexecutável,*  
*Que a carne nos pesa tanto!*  
Para o Pai nada é impossível:  
Enxuguemos nosso pranto.

Valei-nos, caro escrevente,  
Que a nossa voz emudece:  
Concentre-se fortemente,  
Fazendo uma bela prece.

Sabemos ser o cansaço  
Sobrecarga perigosa,  
Que o calor, no seu espaço,  
Vai impedir nossa glosa.

Parecem ser de brinquedo  
Os versos postos em gomos,  
Mas, se cá viesse cedo,  
Veria como os compomos.

De manhã, tudo é alegria,  
Ao fazermos a poesia,  
Que a tarefa nos agrada;  
De tarde, a história difere:  
É um cantar de *miserere*;  
O ditado é uma parada...

Claro que temos vontade  
De mostrar que nos invade  
A sensação dos perversos;  
Só por isso é que dizemos:  
— *Falta força nesses remos;*  
*São pobres os nossos versos.*

Ao transferir essa pena  
Ao médium, que se apequena,  
Por ver a descompostura,  
Nosso pranto corre solto,  
*Più de più de più de molto;*  
Mas quem vai dizer que jura?...

Estamos dando u'a mão,  
P'ra receber seu perdão,  
Que o tempo se desperdiça,  
Mas corre, p'ra demonstrar  
Que aqui, dentro deste lar,  
É que o nosso amor mais viça.

Esta poesia é bem pobre,  
Mas não há alguém que cobre  
Um resultado melhor.  
Pelo menos nesta turma,  
É proibido que durma  
Quem só faz verso pior.

A aspiração desta gente  
Não se mede pela mente  
Dos artistas superiores:  
Cada qual faz o que pode,  
Como é natural no bode  
Exalar fortes odores.

Qual vai ser nossa lição,  
Se toda a satisfação  
Se resume em brincadeiras?  
É que achamos divertido  
Fazer pensar: — *Eu duvido:*  
*Asnos não fazendo asneiras...*

Pois aí é que se enganam,  
Que destas frases promanam  
Alguns tópicos de luz,  
Pois a verdade é só uma:  
Queremos ver quem assuma  
O peso da nossa cruz.

Criticar pobres poetas,  
Pelas lições incompletas,  
É pairar longe da glória.  
Como querer ser perfeito,  
Se o irmão não for eleito,  
Triste rejeito da escória?...

Vamos lembrar outros versos  
Que também estão imersos

Nos valores evangélicos:  
Aqueles quadrinhas primas  
Com que se abriram as rimas,  
Com sinais psicodélicos.

Perguntamos se este irmão  
Reside em seu coração,  
Pagando o aluguel com paz,  
Se no momento comparte  
Do sofrimento da arte  
Que ao nosso povo compraz.

Demos uma grande volta,  
Estimulamos revolta,  
Carregamos nos obuses,  
Mas o mais que conseguimos  
Foi demonstrar por que rimos:  
É que acendemos as luzes;

As luzes do entendimento  
Da razão deste tormento,  
Que nos traz em marcha forte,  
Desde o fatídico dia  
Em que rimos da poesia  
De quem teve melhor sorte.

O mestre nos deu trabalho,  
Mas forneceu o agasalho  
De uma pena sem temor,  
Que o caro amigo que escreve  
Tem o pulso doce e leve,  
Por fazê-lo com amor.

Se fomos do seu agrado,  
Não ponha a folha de lado,  
Releia verso por verso;  
Vai parecer tudo novo,  
Que o trabalho deste povo

Vai ter um valor diverso.

A arte desta poesia  
É mostrar que não diria  
Nada claro e cristalino.  
Mandar o leitor pensar  
Vem em último lugar,  
Quando o sol está a pino.

Com a cabeça mais quente,  
O pensar não há que aguento  
Os frescores mais etéreos;  
Ao firmar os pés no chão,  
Discipline o coração,  
Torne estes versos mais sérios.

Resta só pedir a Deus  
Que abençoe os versos meus,  
Na hora desta leitura,  
Que assim terei a certeza  
De a chama manter-se acesa,  
Na alma da criatura.

28

## DE PEITO ABERTO

*Velho amigo e companheiro,*  
Percorri o mundo inteiro  
A buscar felicidade.  
Encontrei-a aqui bem perto,  
Quando pus o peito aberto,  
Eliminando a maldade.

Era um velho compromisso  
De prestar um bom serviço  
A criatura da roda;  
Mas refugava a bondade,  
Pois achava a caridade  
Falácia que nos engoda.

Por isso, corri o mundo,  
Franzindo o cenho iracundo,  
A fugir do tal trabalho.  
Mas vou contar um segredo:  
É que tinha muito medo  
Do esforço daquele malho.

E por não ter mais sossego,  
Fui pedir um descarrego  
Das dores conscienciais.

Queria voltar à vida,  
Mas tinha de ver cumprida  
A lei, p'ra não sofrer mais.

Procurei o tal sujeito,  
Contei-lhe o que tinha feito  
E deixei-o mui surpreso:  
Pensei que tinha rancor,  
Mas não se lembrou da dor.  
Só o amor estava aceso.

Intrigou-me tal perdão,  
Pois a boa vibração  
Não me servira de nada:  
Fora eu que me envolvera,  
Como se envolve de cera  
A corda p'ra ser queimada.

Eis aí, meu caro amigo,  
O que aconteceu comigo,  
Que dei com os burros n'água.  
Hoje estou bem mais contente:  
Pude vir dizer à gente  
Que pouco restou da mágoa.

Quanto tempo foi perdido,  
Só porque não dei ouvido  
Aos conselhos da consciência.  
Pois o pior disso tudo  
É que fizera um escudo  
Do rancor e da paciência.

Mas a prática difere.  
Quem duvidar disso espere  
Para ver como é que é.  
Sem escudar, já é *broca*;  
Escudando, é à *matroca*  
Que navega a nossa fé.

Por isso é que é bom fazer  
Direitinho o tal dever,  
Sem vergonha da verdade.  
Se cada corda tem nó,  
Busque trabalhar sem dó,  
Por conquistar a bondade.

Não vim dar de *farofeiro*.  
Este é sentir verdadeiro,  
Fruto dum remorso brabo.  
Despertar para a verdade  
É propor que se apiade,  
Sem sombra de menoscabo.

Foi bem curta esta mensagem,  
Que exigiu certa coragem  
Pelos versos de improviso;  
É que nem todas as rimas  
Combinaram com os climas  
Da natureza do aviso.

Quem sabe o meu bom leitor  
Não se lembre do rancor  
E me tenha perdoado.  
Esse é um desejo que eu quis  
Expressar, p'ra ver feliz  
Quem foi tanto maltratado.

Vou suspender o meu verso,  
Pois me sinto mais perverso  
A cada rima que faço.  
E vou pedir ao Senhor  
Para regar com amor  
Este último pedaço.

Pede-me o escrevente agora  
Que não vá tão logo embora,

Pois o ditado está bom.  
Sinto muito, companheiro,  
Se eu ficar o dia inteiro,  
Vai ouvir o mesmo som.

Careço de inspiração,  
Pois não sou artista, não:  
Estou só *quebrando o galho*.  
Mas prometo que, outro dia,  
Vou trazer melhor poesia;  
Não mais esta de espantalho.

Deseja até que eu conserve  
Esta pontinha de verve  
Que torna leve a poesia.  
Agradeço comovido,  
Porém, tal graça eu duvido  
Que resulte em serventia.

Conversar com o escrevente  
Leva-me um pouco p'ra frente,  
Nos versos que agora faço.  
O evangelho ficou fora,  
Sei, porém, que a gente adora  
Ver ocupado este espaço.

Se passou o treinamento,  
Vou dizer que eu mais lamento  
A despedida forçada.  
Vim falar de mim somente,  
Mas foi pouco, infelizmente,  
Um tiquinho, um quase nada.

Solucionado o problema  
Da falta de um sério tema,  
Voltarei, pode aguardar.  
Vou pedir para o meu guia  
O bem da sabedoria,

Para pôr neste lugar.

Já desejam que eu termine,  
Que os meus versos examine  
E que agradeça ao Senhor.  
Se tudo foi mui *chinfim*,  
Pelo menos para mim,  
Prestou-se um grande favor.

Senhor, o meu tempo finda.  
Fazei, pois, que seja linda  
A rima que vou compor;  
Se eu não soube poetar,  
Que faça o verso acabar  
Na graça do vosso amor.

29

## MUITO OBRIGADO

Antes que a tarde termine,  
Irei dar o meu recado.  
Meu convite não decline:  
Estarei muito obrigado.

Vamo-nos, pois, entender,  
Para que tudo dê certo:  
Cada qual com seu dever,  
Com o coração aberto.

A pior parte é a minha,  
Pois caminho bem adiante;  
Mas o que faz a turminha  
É também muito importante.

O nosso escrevente, então,  
Trabalha de fazer gosto:  
Empresta-nos ele a mão,  
Para honra deste posto.

Nosso guia olha por tudo,  
Severo supervisor:  
Vê a forma e o conteúdo.  
É o evangelizador.

Vêm do alto as vibrações  
Que amparam todo o trabalho:  
Elas põem nos corações

A sensação do agasalho.

É como se o bom Jesus,  
Em seu trono de esplendor,  
Enviasse sua luz,  
Sua paz e seu amor.

Se completar a poesia,  
Segundo a melhor doutrina,  
Que outra coisa quereria  
Pedir para minha sina?!

Ao Senhor, lá no infinito,  
Peço para abençoar  
Este grupo tão bonito  
Que se juntou neste lar.

Faço versos tão benditos  
Que nem pareço ser eu;  
Aos companheiros aflitos,  
A consolação se deu.

Nesta hora tão feliz,  
As dores são esquecidas:  
Quanto é doce a diretriz  
Do amor para nossas vidas!

Vamos esquecer o mal,  
Um momentinho que seja,  
E considerar normal  
Esta tarde benfazeja.

Concentrados nas virtudes,  
Vamos só fazer o bem,  
Esquecendo as inquietudes  
Que das dúvidas provêm;

Elevar os pensamentos,

E ter a melhor vontade,  
Para calar os lamentos,  
Com base na caridade.

A esperança é bem supremo,  
Em qualquer fase da vida:  
Quando o perigo é extremo,  
Vai mostrar-nos a saída.

Conturbações geram vícios  
Difíceis de debelar;  
Não existem artifícios:  
Será preciso enfrentar.

Se é doce a contemplação,  
A vida ativa promete  
Emprestar-nos forte mão  
No dever que nos compete.

P'ra regozijo da alma,  
Está próximo o final.  
Todo o povo teve calma:  
Nada saiu muito mal.

Se se afobar o escrevente,  
Pedindo p'ra prosseguir,  
Em coro diz toda a gente:  
— *Mais paciência, Wladimir!*

Queremos só demonstrar  
Que este trabalho compensa.  
Se fosse em todo lugar,  
Como aumentaria a crença!

A tristeza que consome  
O povo que passa fome  
Não dá tema p'ra poesia:  
Um tal discurso poético

Daria tom mais patético.  
Mau sinal p'ra rebeldia.

Existe quem tenha jeito  
De expelir de dentro ao peito  
Um grito de desespero  
Que não ofenda os amigos,  
Pois, diante dos perigos,  
Nem toda dor é exagero.

Porém, o mais que acontece  
É que, ao invés duma prece,  
Reclama-se de injustiça,  
Aumentando-se o rancor,  
Quando se pretende impor  
A dura regra da liça.

Se tivermos mais paciência,  
Ao recompor a consciência,  
Poder-nos-emos julgar.  
A lei da causa e do efeito  
É que vai mostrar direito  
Se tudo está no lugar.

Se o amigo se sente assim,  
Nessa situação ruim  
De expiação e de dor,  
Busque fazer simples versos,  
Mas que não sejam perversos,  
Por Jesus, nosso Senhor.

Quem sabe você componha,  
Pondo de lado a vergonha,  
Uns versinhos como os meus.  
Os das quadras, esclareço,  
Que teve por endereço  
Agradecer ao bom Deus.

Queira o médium suspender  
Esta espécie de poder  
Que exercita sobre nós:  
É tão grande a gentileza  
De aceitar-nos nesta mesa  
Que não se cala esta voz.

Vou enaltecer Kardec,  
Que nos abriu este leque  
De linda mediunidade,  
Permitindo a todo o povo  
Que se apresente de novo,  
Se tiver necessidade.

Mas também será preciso  
Enfatizar o juízo  
Para a mensagem dar certo:  
Tudo o que gerar excesso  
Pode dar em retrocesso;  
Há que se ser mais esperto.

Com isto, vamos levando,  
O velame todo pando,  
O poema mar adentro;  
Mas a hora é de parar,  
Nada mais há p'ra lucrar:  
Vamos *baixar noutro centro*.

Obrigado ao caro amigo  
Pela doçura do abrigo,  
Pelo desafio supimpa.  
O que mais me estimulou  
Foi que você confiou  
Que minh'alma estava limpa.

Continue sempre assim,  
Até bem perto do fim,  
Para a doce recompensa

De gozar grande alegria,  
Por ter vencido a porfia,  
Em banhos de benquerença.

Se venci meu compromisso?  
Se dei conta do serviço?  
Que penso do verso meu?  
A luta foi generosa,  
Pois lavrei a minha glosa  
E o povo correspondeu.

Uma hora e quinze após,  
Faço calar minha voz,  
Neste murmurar sagrado,  
Dizendo de coração,  
Um a um, a cada irmão,  
Meu melhor *muito obrigado!*

30

## NO LIMIAR DA DOR

Nós não temos compromissos,  
A não ser com os serviços  
De assistir aos sofredores.  
Nem por isso, bons amigos,  
Nós não corremos perigos:  
São muitos os malfeitores.

Hoje mesmo, tive um caso,  
Pois cheguei fora do prazo  
E me vi ali sozinho.  
Precisei rogar a Deus  
Que se alertassem os meus  
E arrepiassem caminho.

Bem em tempo eles chegaram  
E dali me resgataram;  
Foi uma sorte tremenda.  
É que, naquele buraco,  
Gente *do balacobaco*  
Põe-nos na mente uma venda.

Porém, o fato importante  
É demonstrar que, no instante  
Em que roguei, me atenderam.  
Quando me percebi só,  
Não mais pude sentir dó,

Pois foi com que se ofenderam.

Na pele, abriu-se ferida,  
Disfarçada desde a vida  
Por cataplasmas de fé;  
E por tratamento sério  
Dos tempos do cemitério,  
Por um amor que deu pé.

Ao regressar ao abrigo,  
Percebi o grão perigo  
Da turbacão da consciência.  
Como foi bom o exercício  
De me prevenir do vício  
Da falta de previdência!

O fato, porém, curioso  
É que fui muito fogo  
Na arremetida que fiz:  
Sabia estar atrasado  
Mas não quis deixar de lado  
Desta turma a diretriz.

Vocês se lembram que acima  
Coloquei, em boa rima,  
Compromisso com serviço?  
Dando atenção a um pupilo,  
Por merecer um estrilo,  
Acabei eu sendo omissos.

Onde está a perfeição?  
Onde os dons do coração?  
Onde a pureza da alma?  
Não será aí que os seres  
Têm de cumprir seus deveres,  
Com paciência e com calma?

São as perguntas que faço,

Nesta hora em que o embaraço  
Me faz perder a postura.  
Em todo caso, a poesia  
É um balde de água fria,  
P'ra arrefecer a fervura.

Vim contar um episódio,  
Nem de amor e nem de ódio,  
Nem tampouco original,  
Mas p'ra mostrar que, no etéreo,  
Se você ficar aéreo,  
Vai cair nas mãos do mal.

As minhas pobres feridas,  
As quais pensava esquecidas,  
Já começam a doer.  
Essa é, porém, outra história,  
Sem valor e sem vanglória,  
Que eu não desejo escrever.

Os mestres me dão carinho  
E vão mostrando o caminho  
Para a recuperação.  
Um deles está presente  
Na harmonia que se sente  
Nesta versificação.

Aliás, um bom irmão,  
Para ver se fica são  
Quem passa por tal aperto,  
Dá de fazer brincadeira:  
Destrambelha uma caveira,  
Rogando que dê conserto.

Peço-lhes que me perdoem  
Se estas rimas não lhes soem,  
Como cantares do etéreo:  
Fui tudo o que consegui

Do atropelo em que fugi  
Daquele risco mais sério.

Fizeram questão os mestres,  
Para mostrar aos terrestres,  
Que eu viesse como estava:  
Destrambelhado e instável,  
Mas bastante permeável  
Às noções que utilizava.

Vou dizer-me vencedor?  
Só quando vencer a dor  
Que me lembrou a morte.  
Vou firmar um compromisso:  
O de prestar um serviço  
Em que tenha melhor sorte.

A partir de agora, o grupo  
Pode soltar seu apupo,  
Pois penso ter terminado.  
Estou contente de novo,  
Pois percebo que este povo  
Quedou quase admirado.

Qual será do tema o efeito,  
No coração contrafeito  
De quem se julga perdido?  
Fiz de tudo p'ra intrigar,  
Com os frutos de um pomar  
Cujo sumo é bem ardido.

Talvez tenha despertado  
Para as dores deste lado,  
Que se sentem como aí.  
Mas não queiram conhecer  
As refregas do dever,  
Como aquelas que sofri.

Vou pedir ao bom Jesus  
Que, em resplendores de luz,  
Abençoe a toda a gente;  
Que não permita jamais  
Nem os choros, nem os ais  
De um sofrer inconsequente;

Que cada pranto vertido  
Possa ter contribuído  
P'ra melhoria de alguém;  
Que o choro mudado em riso  
Seja sempre bom aviso  
De que crescemos no bem.

Ao poetar cá na Terra,  
Todos pensam que se encerra  
Na glória a imortalidade;  
Logo após o cemitério,  
Decifrado o tal mistério,  
Vemos ser outra a verdade.

O valor desta poesia  
Eu jamais compreenderia,  
Se me mostrassem na vida.  
É que as palavras de agora  
Saem fáceis, sem demora,  
Simplicidade da lida.

Na Terra, só lantejoulas;  
No Etéreo, vim de ceroulas:  
Rima pobre num bom verso.  
É que, dentre as qualidades,  
A de perder as vaidades  
Mostra quem não é perverso.

Se me derem muita corda,  
Começo roendo a borda  
E vou pastar no recheio.

Reconheço que este clima  
Está preparando a rima  
P'ra terminar o recreio.

Como última lição,  
Rezem de bom coração  
Um pai-nosso, com amor,  
Rogando p'ra toda a gente  
Um desempenho excelente,  
Quando o verso for compor.

31

## COM O MÉDIUM ABATIDO

Eu vim compor uns versinhos,  
Para mostrar os caminhos  
Que nos trazem para cá.  
São ruelas tortuosas  
E alamedas olorosas:  
De tudo um pouquinho há.

Um companheiro mais lesto  
Chega logo, se lhe empresto  
Minha motoca de fluidos.  
Põe-se, então, a versejar,  
Querendo presto acabar,  
Mas são muitos seus descuidos.

Outro chega devagar,  
Estando a resfolegar  
Pelo esforço sobre-humano.  
Quer o verso mui perfeito,  
Mas em tudo acha defeito.  
Que terrível desengano!

Há quem venha com gloriólas,  
A espoucarem tais varíolas,  
Em surtos descomunais.  
E tropeçam no começo,  
Os pés métricos no gesso,

Só se ouvem os seus ais.

Chegam tímidas moçoilas,  
Mas, por serem rudes *zoilas*,  
Julgam-se fracas de ideias.  
Alguns versos lhes saem bons,  
Se se julgarem os sons,  
Mas onde o mel das colmeias?...

Este aqui chegou mansinho  
E falou do desalinho  
Dos companheiros que falham,  
Não por falta dum assunto,  
Mas porque, com mau defunto,  
Ótimas velas não calham.

Falece-me a inspiração,  
Que está triste o coração  
De quem escreve por mim.  
Vim dar o tom da comédia,  
Mas topei com a tragédia  
De par de mortes ruim.

Consolar vai ser preciso  
A quem não teve juízo  
E pôs fim à própria vida.  
Mas como chegar-lhe perto,  
Se atingiu, com tiro certo,  
A pessoa mais querida?

Eu não sei ajuizar  
A respeito do lugar  
Em que se encontram os dois.  
Vamos orar uma prece,  
Que é tudo que se oferece:  
Recompor virá depois.

Eis a luta que enfrentamos,

Quando a dor descai dos ramos,  
No luto do companheiro.  
Deseja colaborar,  
Mas se põe a divagar:  
Cá não fica por inteiro.

Porém, cumpre o compromisso  
De nos prestar o serviço,  
Apanhando estes ditados.  
Quer concentrar-se de todo,  
Quer que o verso venha a rodo,  
Quer as leis e os resultados.

A julgar-se pela rima,  
Vai utilizando a lima,  
Desgastando o nosso estilo.  
Quase nada já nos sobra,  
Mas o pobre até se cobra,  
Por não se esquecer daquilo.

Talvez queira ver no verso  
Um conselho incontroverso  
Que lhe dê tranquilidade,  
Mas nada de xequemate,  
Que seria disparate  
Ou falta de caridade.

Afogar-se no trabalho  
Talvez seja um bom atalho  
P'ra desfazer a lembrança.  
Mas pensar mais positivo  
Vai tornar muito mais vivo  
O sentimento-esperança.

Ao rezar de coração,  
Confiando no perdão  
De Jesus, nosso Senhor,  
Iremos dar prova certa

De que a porta está aberta  
P'ra receber seu amor.

Ao fazer esta poesia,  
Neste triste fim de dia,  
Pranteio a dor do colega.  
Se lhe falei de esperança,  
É que o coração não cansa,  
Quando o afeto não se nega.

Vamos pensar no futuro,  
Se o nosso dia foi duro,  
Que a verdade sobressai;  
Sabendo que há justiça,  
Ninguém vai fugir da liça.  
Graças lhe damos, bom Pai!

Desculpe-nos o escrevente  
Com a insistência desta gente,  
Nestes versos tão sem jeito.  
Mas não tínhamos saída:  
Se falhássemos na lida,  
Era falta de respeito.

Vamos pôr no mar o barco,  
Que este dia foi um marco,  
Na contingência da morte.  
Se os nossos atos são tortos,  
Socorrer-nos-ão nos portos:  
Sempre há quem nos conforte.

Se o remo se desempena,  
A sorte não é pequena:  
É alegre o desafogo.  
Se se quebrar a madeira,  
Acendamos a fogueira,  
Pois também nos serve o fogo...

32

## AUTO-ANÁLISE

Como é boa esta acolhida!  
Faz pensar em que, na vida,  
A amizade é bem supremo.  
Agradeçamos ao Pai,  
Pois aqui está quem vai  
Colocar força no remo.

Sabemos que é bem difícil  
Tornar este verso físsil,  
Para a transmissão do etéreo;  
Mas passamos som a som,  
Pois tem o médium o dom  
De tornar o ato sério.

Quando brincamos deveras,  
Ficam longas as esperas,  
Pois tais rimas não se encaixam;  
Ao falar com propriedade,  
O médium se persuade  
E as frequências não se abaixam.

O tema que ora trazemos  
É o melhor que hoje temos,  
Dentre todos os rascunhos.

Portanto, fique conosco,  
Ajudando em cada enrosco,  
Pois não regemos os punhos.

A amostragem foi perfeita,  
Já que o médium nos aceita,  
Apoiando-nos com gosto:  
Os verbos que desejamos  
De pesados quebram ramos,  
Mas o texto sai composto.

O sexteto logo acima,  
Tendo em vista sua rima,  
Ficou um tanto forçado.  
Demonstrou-se, no trabalho,  
Que o médium nos quebra o galho:  
Eis aqui o resultado.

Sugerimos as ideias,  
Como abelhas nas colmeias,  
E dispomos certas rimas.  
Os metros se distribuem,  
Quando todos contribuem,  
Na formação destes climas.

A constância das palavras  
Dá às nossas pobres lavras  
Os recursos costumeiros.  
Por isso é que nossos versos  
Nós chamamos de perversos,  
Sempre iguais, desde os primeiros.

Este estilo ajuda o povo  
A passar tudo de novo,  
Só com poucos atropelos.  
Poetar fica bem fácil;  
Caso a rima seja grácil,  
Quem vai *tirar nossos pelos?*...

Seresteiros do improviso,  
Este aqui é paraíso  
De pura satisfação!  
Anotamos tal assunto:  
O médium chegando junto,  
É o repente da escansão.

Decore, pois, este estilo:  
Ao se ver como pupilo,  
Fará versos de roldão.  
Mas, para evitar problemas,  
Faça um rol de nobres temas,  
Que os mestres aprovarão.

Mas só dos versos não fale,  
P'ra que o tema não se iguale  
Com os muitos desta turma.  
A repetição nos cansa:  
Mude o ritmo da dança,  
Evite que o leitor durma.

Este aqui é um *tour de force*:  
Nossa mente se contorce  
Na feitura do estribilho.  
Há que ser mui generoso  
Para se sentir formoso  
Este simples trocadilho.

É por isso que dizemos  
Que pomos força nos remos,  
Para o barco deslanchar,  
Pois é na sonoridade  
Que concentrar-se bem há-de  
A excelência do rimar.

Didaticamente agora,  
Esta lição se deplora,

Pois o ensino está capenga.  
O mestre faz muita força,  
Mas o mal — quem há que torça,  
A fugir da lengalenga?...

Desocupados-poetas,  
Principiantes-estetas,  
Exercício em disciplina:  
Comecemos bem aos poucos,  
P'ra que os médicos e os loucos  
Se componham co'a Doutrina.

Os *ruídos* da poesia  
São testes p'ra melodia  
Que se firma em nossa mente.  
Indo assim bem devagar,  
Quando menos se esperar,  
O verso estará presente.

— *Que desperdício de forma!* —  
É o que o médium nos informa  
Que vai dizer o leitor.  
Paciência, se tal serviço  
Só perfaz o compromisso  
De aprender este labor.

As outras turmas, no entanto,  
Em versos de mais encanto  
Já mostraram os caminhos  
Que vão seguir as pessoas,  
Para cantarem, em loas,  
De Jesus os bons carinhos.

Seremos nós diferentes  
Ou somos apenas entes  
Carentes de orientação?  
Contingência do trabalho,  
Queremos que o forte ralho

Seja ouvido e dado não.

Muitos trazem vozes rudes,  
A conclamar p'ras virtudes,  
A lembrar a imperfeição.  
Outros querem, simplesmente,  
Que a atitude dessa gente  
Se concentre no perdão.

Quanto a nós, sempre estaremos  
A puxar os nossos remos,  
Levando o barco p'ra frente,  
Agradecendo ao Senhor  
Seja o ventinho que for,  
P'ra irmos mais levemente.

Cada qual faça o que possa,  
Sem medo de levar coça  
Dos Espíritos de Luz:  
Quanto mais alto estiverem,  
Mais quererão que prosperem  
Os ensinamentos de Jesus.

Classifique o nosso esforço,  
Coloque a gente no corço  
Que se encaminha p'ra Deus.  
Este exercício é dos tais  
Que provocam nossos ais:  
Barrabás entre os judeus.

Depois releia o poema  
E descubra qual o tema  
Que ficou meio escondido.  
Discuta com os parceiros,  
Dê uns tiros bem certos,  
Não pense em tempo perdido.

Resolvido o tal mistério,

Há de se ver que é bem sério  
O estudo qual o propomos:  
Nos galhos brotam as flores,  
Carícias de belas cores,  
Só depois surgem os pomos.

Ao final, a boa prece  
Vai mostrar que se oferece  
Um prêmio para os amigos.  
Todos vão sentir que o Alto  
Não requer que se dê salto:  
Esse é pregão dos antigos.

Junte agora a sua voz  
À prece que todos nós  
Recitamos a Jesus:  
— Mestre, dai-nos vossa bênção,  
P'ra que vossos filhos vençam,  
Neste caminhar de luz.

## CRITERIOSAMENTE

Quem quiser fazer poesia  
Deve vir com bonomia,  
Bem disposto e muito alegre,  
Para dizer aos terrenos  
Uns conselhos bem amenos,  
P'ra que no clima se integre.

Esta turma é bem folgada,  
Mas não deixa passar nada  
Que possa prejudicar.  
Preste, pois, muita atenção  
No tônus do coração,  
Que não pode disparar.

Faça versos de improviso  
Mas que tenham muito siso  
Dentro do tema estudado.  
É que o médium, muitas vezes,  
Julga as rimas bem soezes  
E deixa você de lado.

Mas não leve nosso aviso  
Ao ponto do prejuízo  
Para a comunicação:  
Se você der um jeitinho  
De mostrar que tem carinho,  
Sai-lhe fácil a escansão.

Será que este próprio verso  
Terá destino perverso,  
Ou fluirá normalmente?  
Não depende só de nós  
Fazer ouvir nossa voz,  
Mas também deste escrevente.

Que pensará o leitor?  
Que seja a rima o que for  
Não foi feita cá no etéreo?  
Ou dirá tão simplesmente  
Que tudo o que o médium sente  
Se transmite do mistério?

Precisa ter confiança  
Em que o verso bem se alcança,  
Com tranquilidade e calma.  
Quanto menor a folia,  
Mais perfeita a melodia,  
A demonstrar nossa alma.

Recados para os colegas  
Que aguardam por tais refregas  
Diante do povo humano?  
Pelo Senhor, Jesus Cristo,  
E os encarnados com isto:  
Não vão entrar pelo cano?

O que fazemos responde  
Aos que perguntam por onde  
Vão os pensamentos nossos.  
A preocupação de agora  
Estará fora de hora,  
Quando os corpos forem ossos.

Assim, não se perde vaza:  
Sem sair de sua casa,

O leitor fica sabendo  
Que o progresso que se espera  
Para o tempo desta esfera  
Exige esforço tremendo.

Fica sabendo também  
Que os temores que hoje tem  
Perduram nestas paragens.  
Por isso é que os nossos mestres  
Fazem versos p'ros terrestres,  
Com variegadas mensagens.

O alunado segue apenas  
Os conselhos das amenas  
Recomendações p'ros versos.  
Fazem força, puxam remos,  
Dão de si os bens supremos:  
Em angústias vão imersos.

Ao chegar o belo dia  
De vir ditar a poesia,  
Sentem ânsias e gorgulhos.  
Aos poucos, porém, a glosa  
Mostra um mundo cor de rosa,  
Nestes suaves mergulhos.

Aí, a doce harmonia  
Se confunde co'a alegria  
De ver os versos na tela.  
Um coração generoso  
Vai sentir bem forte o gozo,  
Mesmo não sendo tão bela.

Esse é o meu caso, afinal,  
Que este verso é bem banal  
Mas me dá satisfação;  
Sai até com sacrifício,  
Com cacoete e com vício,

Mas vem cheio de emoção.

E vou deixar na lembrança  
Que é preciso confiança,  
P'ra alcançar tal resultado.  
Vou dizer, com muito gosto,  
Que me instalei neste posto  
E não fui posto de lado.

Agora virou brinquedo,  
Pois perdi o forte medo  
De enfrentar este trabalho.  
O que faça nesta hora  
Só vai mostrar que melhora  
Quem aqui chegou paspalho.

Quis justificar meu tema,  
P'ra evitar que o povo tema  
A hora de poetar;  
Mas devo dizer que, em suma,  
Não há fórmula nenhuma,  
A não ser ir devagar.

É que a turma toda ajuda,  
Sem necessitar de arruda  
Para afastar os fantasmas.  
Se o compromisso for forte,  
Não existe azar ou sorte:  
Só transfusão destes plasmas.

Quis muito simples os versos,  
Por isso os erros dispersos  
Na imprecisão das palavras.  
É uma questão de bom gosto  
Não promover rude encosto  
Dos companheiros nas lavras.

Ao final, não há quem fuja

De lavar a roupa suja,  
Nos quintais desta *Escolinha*.  
É que a próxima parada  
Exige a roupa engomada:  
Ninguém vai sair da linha.

As virtudes são o toque  
P'ra que não sofra remoque  
A perfeição do poema.  
Mas isso não é p'ra nós,  
Que temos rouquenha a voz  
E nos perdemos no tema.

O que fica disto tudo?  
Nosso esforço, sobretudo,  
Para completar a estrofe.  
Nada mais que se aproveite,  
Que esta vaca não dá leite,  
Nem o verso é mais que bofe.

Demos vozes aos leitores  
E pintamos com tais cores  
A opinião mais geral.  
Mas o médium, generoso,  
Achou tudo aqui gostoso,  
Belo, bom e coisa e tal...

Senhor, olhai pelos rudes  
Que não têm sutis virtudes,  
Nesta expressão dialética,  
Querendo alcançar vitórias,  
Nas rimas contraditórias,  
De noss'arte não poética!

A simplicidade manda,  
Com diretriz formidanda,  
Que se respeite o leitor.  
Por isso, encerro o poema,

Sem resolver o problema,  
Mas em paz e com amor.

34

## O EXEMPLO DE JESUS

Ao recebermos a luz  
Da bondade de Jesus,  
Em plena felicidade,  
Agradeçamos ao Pai,  
Que a partir de então se vai  
Exercer a caridade.

Para se chegar ao ponto,  
Há que se dar o desconto  
Dos percalços doutras eras:  
Antes de sermos eleitos,  
Já fomos muito imperfeitos,  
Já rosnamos como feras.

Eis a luta grandiosa  
Que pelas dores se dosa,  
Um pouco de cada vez.  
Serão tantos os perigos  
Como são os bons abrigos,  
A cada bem que se fez.

Não há que se envergonhar  
De ter vindo devagar:  
O amor é definitivo.  
O sentimento de agora  
Não se perde, só melhora;

Fica sempre bem mais vivo.

De resto, quem é que pode,  
A menos que nos engode,  
Dizer-se sempre perfeito?  
Quem quer crescer nos amores  
Há de superar as dores:  
Nunca existiu outro jeito.

Jesus, o exemplo divino,  
Demonstrou, em seu ensino,  
Que as ações são p'ra valer:  
— *Vende tudo e dá aos pobres,  
Não te apegues a esses cobres,  
Se com Deus queres viver...*

Eis o batismo da dor:  
Desprender-se do valor  
Que nos impôs a matéria.  
Em tempos de sofrimento,  
É bom ter no pensamento  
Que existe coisa mais séria.

A carne se degenera,  
Pois é próprio desta esfera  
Extinguir a criação.  
A alma, no entanto, segue;  
Então, é bom que carregue  
O instinto da perfeição.

Hão de pensar que esta gente,  
Um pouquinho ao menos, mente,  
Ao exigir tal virtude,  
Que os pastores de outra seita  
Dizem que Deus bem aceita  
Quem obrou sem inquietude.

Deus aceita a todo o mundo

Que tenha sido fecundo,  
Que tenha cumprido a lei,  
Dentre todas a mais grave,  
A fidelíssima chave,  
A de amar a Deus e à grei.

Não há, pois, que errar o rumo:  
Para ir-se ao supra-sumo,  
Há que ser bom ao extremo,  
E conhecer o universo,  
Em felicidade imerso,  
Sabendo o peso do remo.

Ao dar o primeiro passo,  
Adentrando o novo espaço,  
Humildade e cortesia.  
Quem reconhece os seus erros  
Aproveitou os desterros:  
Nada mais se requeria.

Examinando a consciência,  
Percebe-se a equivalência  
Entre o progresso e a dor.  
Se não se encontrar revolta,  
Toda presilha se solta,  
Seja a entidade quem for.

Eis indício muito claro  
De que o Pai não é avaro  
Em suas bênçãos e graças.  
Como filhos quer a todos,  
Só não permite os engodos  
Do que se rói pelas traças.

Muito mais eu vim dizer,  
Mas não quero só entreter  
Quem no tédio leva a vida.  
Ponha-se logo na luta,

Que é preciso força bruta,  
P'ra levá-la de vencida.

Como é belo o nosso verso!  
Eis sentimento perverso,  
Se ficarmos só com isto.  
Se fosse esse amor poesia,  
Jesus, em paz, nos diria;  
Mas não co'a força do Cristo.

O amor transcende esta glosa.  
Por mais seja vigorosa,  
São apenas simples lavras.  
Na alma, em letras de fogo,  
Fique gravado este rogo,  
Que se perde nas palavras.

Dai-nos, Deus, a vossa graça  
Dessa pureza sem jaça  
Para subirmos a vós,  
Levando conosco a gente  
Que o vosso amor também sente,  
Conquanto lhe cale a voz.

35

## VERSOS RUDES

Querido amigo escrevente,  
Esperamos que apresente  
Boa vontade no achego,  
Que o povo desta poesia  
Nada aqui produziria,  
Se não houvesse sossego.

Na terra do desperdício,  
Tudo gera triste vício,  
Rancor, desordem e guerra:  
O povo aprende a malícia;  
Bandido vira polícia;  
E o progresso mais emperra.

Não pensem que o nosso verso  
Em sonhos virá imerso,  
De fulgores colossais:  
Só falamos desses crimes  
Para que sejam sublimes  
Os humanos ideais.

O contraste é vigoroso,  
Se, das rimas neste gozo,  
Caímos na realidade.  
É que a vida que campeia  
Nos mostra que será feia

A procura da verdade.

Ao lembrarmos Jesus Cristo,  
Que sofreu também com isto,  
Vamos sentir compaixão,  
Que, ao invés de sua luz,  
Se dependuram na cruz  
Os que não se salvarão.

Inútil tal sofrimento,  
Quando gera só lamento,  
Tristeza, ódio e rancor.  
Ao fazerem suas contas,  
As pessoas ficam tontas,  
Sem se poderem compor.

Vão dizer que houve progresso,  
Não sendo bom o sucesso  
Nestas camadas terrenas.  
Só expiação e dor  
Não terão qualquer valor,  
Não sendo as lutas serenas.

Atrasos no pensamento  
Retardam os julgamentos,  
No exame consciencial.  
Quem embrutece a cabeça  
É provável que se esqueça  
Da natureza do mal.

Que responsabilidade  
Tem quem não se persuade  
De que o social é importante!  
Egoísmo concentrado  
Vai deixá-lo ali de lado:  
É a Lei que nos garante.

Espiritismo é agora,

Quando se ri ou se chora,  
Na pobreza ou na riqueza.  
Misericórdia divina  
Não considera essa sina,  
Mas o que se põe à mesa.

Nesse mundo de injustiça,  
De que adianta muita missa,  
Se os irmãos não se socorrem?!  
Os valores que se prezam  
São direitos que se lesam,  
E são muitos os que morrem.

Como crescer na miséria?  
Como fazer coisa séria,  
Com o cérebro embotado?  
Hoje, a doença e o vício;  
Depois, no escuro, o bulício:  
Ninguém sai regenerado.

O círculo, então, se fecha:  
Não existe qualquer brecha,  
No setor material.  
Encarnar se torna inútil:  
Para coração tão fútil,  
É melhor ser animal.

No báratro, a acusação.  
Quem terá ali razão,  
Se ninguém for perdoado?  
A dor, então, não melhora;  
O socorro mais demora:  
Quem é bom ficou de lado.

Ao voltarem para a Terra,  
Continua a mesma guerra,  
Com os papéis invertidos:  
Na miséria e sem poder,

Quem não cumpriu seu dever,  
Sob o jugo dos feridos.

O que se diz da vingança  
É que nunca mais se cansa,  
Sofra, embora, o vingador.  
Esse pobre nunca sabe  
Que perdoar também cabe,  
Que é sublime ter amor.

Peço perdão ao amigo.  
Não queira brigar comigo,  
Pela rudeza dos versos.  
Enfrentei a triste sina  
De pôr de lado a Doutrina,  
Para pregar aos perversos.

Às vezes, a indisciplina  
Pela dor também ensina,  
Lamentavelmente, embora.  
Com os vendilhões do templo,  
Jesus Cristo deu o exemplo  
Que até hoje inda vigora.

Tinha razão o poeta  
Que disse ser incompleta  
A poesia da miséria.  
Bem melhor que, em pobre glosa,  
Teria ralhado em prosa,  
Co'argumentação mais séria.

É que estive muito triste,  
Quando vi que o povo insiste  
Em cometer tanto crime.  
Aí, pensei nesta rima,  
Como disse mais acima,  
A ver se alguém se redime.

Senhor, perdoa o que peca,  
Que essa raiva jamais seca,  
Que é rio que torna oceano.  
Põe de lado o sofredor  
Cujo único valor  
É saber que houve engano.

Dá ao socorrista ativo  
Um sentimento mui vivo  
De esperança no porvir.  
Retempera esta poesia,  
Pondo fé em que a alegria  
Decorre do evoluir.

36

## FAÇA MELHOR QUE EU

A rotina destes dias  
Faz florescer as poesias,  
Num crescendo formidando.  
Não perca, pois, este impulso:  
Nunca há de ser avulso  
Quem estiver recitando.

As obras não são extensas,  
Mas representam as crenças  
Dos alunos da *Escolinha*,  
Misto de estudo e vivência  
Que, sem muita competência,  
Dia a dia o povo alinha.

Há quem fale de si mesmo,  
Porém, não caminha a esmo,  
Que os maiores nos amparam,  
Sempre atentos para os versos,  
Que não querem ver perversos,  
Pelos quais muito lutaram.

É importante que se diga,  
Até mesmo à moda antiga,  
Que a poesia disciplina:  
Obriga a pensar na alma,

Dá aos seres bem mais calma  
E faz valer a Doutrina.

Eis a razão por que o povo,  
Vira-e-mexe, vem de novo  
Propor alto desafio,  
Pedindo que a turma toda,  
A obstar que a alma açoda,  
Em versos demonstre brio.

Não faça disso repente,  
Mas hábito permanente,  
Compondo bem devagar.  
A cada versinho seu,  
É bom passo que se deu,  
É barco que singra o mar.

Esta arte é muito antiga,  
Mas hoje em dia periga,  
Que a leitura se perdeu:  
Todo o povo vê tevê,  
Todo, sim, mas não você,  
Que vai dizer que nos leu.

Brincadeiras calham bem,  
Mas não vamos deixar sem  
Os ensinios costumeiros:  
De repente, alguém que goste,  
Leve de vencida e arrote,  
Vai chamar-nos só de arteiros.

O grupo, em nossa oficina,  
Preveniu-se co'a vacina  
Dos poemas inconsúteis.  
Quem faz versos só por gosto  
Não assoma a este posto:  
Todos hão de ser bem úteis.

Quem deseja utilidade  
Nem sempre se persuade  
De que o belo fique fora.  
Aí, complica-se a rima  
Que, para ser mais opima,  
Torce e retorce e demora.

Faça versos como eu,  
P'ra esta Musa seja ateu,  
Pois tudo sai de carreira.  
Camões se mexe na cova  
Toda vez que alguém desova  
Um verso sem estribeira.

Não ligue para o caolho  
Nem p'ra aqueloutro zarolho,  
O das estrelas que falam,  
A menos que tenham feito  
Algum verso mais perfeito  
Em que a Doutrina não calam.

Eu sei bem que já fizeram  
E que testemunhos deram  
Destas rimas espíricas,  
Trazendo mais formosura,  
Em doutrina toda pura,  
Acima de quaisquer críticas.

Se eu tiver desrespeitado  
Os colegas deste lado,  
Perdoem vocês aí.  
Quanto a mim, posso dizer,  
Com o máximo prazer,  
Que foi amor que senti.

Fazer versos mais bonitos,  
Ampliando aos infinitos  
Os seus reflexos de luz,

Vai passar pela doutrina  
Que Kardec nos ensina,  
Com todo o amor de Jesus.

Não pense que seja um templo,  
Mas apenas rude exemplo  
Estas estrofes marotas.  
Flanando pela poesia,  
Qualquer um melhor faria,  
Não com estas rimas rotas.

É um estímulo que dou,  
Num verso que não soou  
Segundo a lição dos mestres,  
Pois, com esta pena torta,  
A rima sai natimorta,  
Imprópria até p'ros terrestres.

Faça, pois, melhor que eu  
E não dê de zebedeu,  
Rezando com devoção.  
No começo não é fácil,  
Mas a rima fica grácil,  
Se a fizer de coração.

Esta é a última partida  
Desta turma reunida,  
Que os versos também têm fim.  
Só temos de agradecer  
A quem cumpriu seu dever,  
Sem achar nada ruim.

Nossos votos voam alto,  
P'ra evitarmos sobressalto  
Do nosso bom companheiro.  
Outra gente aqui virá  
Que, por certo, empreenderá

Trabalho bem mais faceiro<sup>1</sup>.

Agradecer a Jesus  
É retribuir à luz  
Que nos mostrou o caminho,  
E nos fez amar o mundo  
Com sentimento profundo,  
Dando ao Pai todo o carinho.

---

<sup>1</sup> Reuniram-se os trabalhos que se seguiram sob o título de *No Etéreo, a Poesia é Outra*.